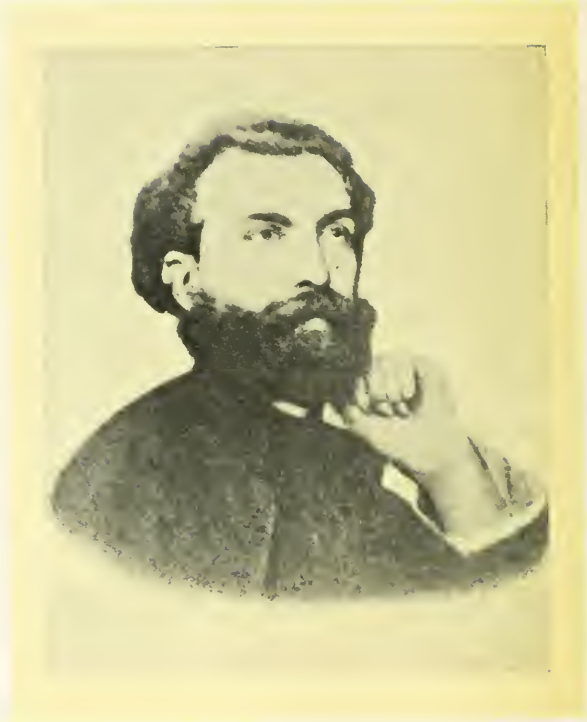
3 1761 04576260 6

O
LIVRO DE
AMOR
DE
JOÃO DE DEUS

O LIVRO DE AMOR DE JOÃO DE DEUS



POESIAS ESCOLHIDAS

LIBRARY
DEC 20 1967
UNIVERSITY OF TORONTO

PQ
9261
D5L5
1921

A JOÃO DE DEUS, FILHO

Com encanto e respeito, ponho em suas mãos o « Livro de Amor de João de Deus ». Para termos a graça de possuir o Cancioneiro cujo vôo lírico ascende do peito redondo de Maria à curva do céu infinito, não foi preciso mais do que humilde e amorosamente juntar, através dos incidentes do efémero, as flores da imortal formosura. E êste Livro é um dos dons da pátria e uma das glórias do mundo: — Portugal e o universo sublimam-se num Poeta supremo na arte de adorar. Todos sentimos que êste Livro virerá emquanto houver alguém que se exprima em português, emquanto houver um homem que ame uma mulher, e uma alma que se eleve a Deus.

AFFONSO LOPES VIEIRA.

O LIVRO DE AMOR IDÍLICO

AMOR

Amo-te muito, muito !
Reluz-me o paraíso
Num teu olhar fortuito,
Num teu fugaz sorriso !

Quando em silêncio finges
Que um beijo foi furtado,
E o rosto desmaiado
De côr de rosa tinges,

Dir-se-há que a rosa deve
Assim ficar com pejo
Quando a furtar-lhe um beijo
O zéfiro se atreve !

E ás vezes que te assalta
Não sei que idéa, jovem,
Que o rosto se te esmaltá
De lágrimas que chovem ;

Que fogo é que em ti lavra
E as fôrças te aniquila,
Que choras, mas tranquila,
E nem uma palavra ? . . .

Oh ! se essa mudez tua
É como a que eu conservo
Lá quando à noite observo
O que no céu flutua ;

Ou quando à luz que adoro,
Ás horas do infinito,
Nas rochas de granito,
Os braços cruzo e choro ;

Amamo-nos ! Não cabe
Em nossa pobre língua
O que a alma sente, á míngua
De voz . . . que só Deus sabe !

CARTA

Maria ! ver-te à porta a fazer meia,
Olhando para mim de vez em quando,
É o que nesta vida me recreia.

Acordo até de noite suspirando
Por que rompa a manhã e tenho o gôsto
De te ver já tão cedo trabalhando.

Dêsde pela manhã até sol-posto
Que tu não tens descanço um só momento;
Por isso tens tão bela côr de rosto !

E eu pálido, Maria! O pensamento
Não é trabalho que nos dê saúde:
Esta imaginação é um tormento.

Que belo tempo aquele emquanto pude
Levar, como tu levas, todo o dia
Nessa vida chamada ingrata e rude!

Nunca soube o que foi melancolia,
Nunca provei as lágrimas salgadas
Com que a nossa alma as penas alivia;

Andava, sim, por essas cumeadas
Ao sol, à chuva, muita vez sòzinho,
Vendo os vales das rochas escarpadas;

Descendo pelo córrego estreitinho,
De pontal em pontal cortando o mato
Pelas chapadas fora do caminho;

Mas não era que já o teu retrato
Me andasse a mim no coração impresso,
Onde hoje o trago no maior recato,

É um desengano teu, que não mereço,
Me tivesse tirado a fé tão doce
De alcançar algum dia o que apeteço.

Não foi, não, a paixão que assim me trouxe
Tão erradio a mim, digo a verdade
E nem eu te negava se assim fôsse ;

É que a gente na sua mocidade
Não cabe em si, não pára de contente,
E assim fui eu na flor da minha idade.

Tu eras nesse tempo simplesmente
A flor que vai nascendo ; e mais valia
Seres tão tenra ainda e inocente !

Já êsse lindo pé que tens, Maria !
Êsse quadril tão largo e cinta estreita
Me não vinha à idéa noite e dia ;

Êsses encontros de mulher perfeita,
Êsse peito redondo e arqueado
Como o de pomba farta e satisfeita !

Talvez vivesse então mais sossegado,
Ou já que a minha sorte é sempre triste,
Ao menos não andasse enfeitiçado!

Èsse belo pescoço . . . não existe
Outro assim torneado! o rosto é lindo
E a tão meiga expressão ninguém resiste!

A bôca é tão vermelha que em te rindo
Lembra-me uma romã aberta ao meio
Quando já de madura está caindo!

Èsses olhos azuis . . . que olhar! Receio
E desejo estar sempre a contemplá-lo;
Não há mais doce e mais custoso enleio!

Eu não ouso falar então, nem falo
De enlevado que estou, e juntamente
Gemendo e abafando os ais que exalo . . .

Oh! nuvem da manhã resplandecente,
Manto real de sêda delicada,
Cada fio um grilhão que prende a gente!

Bem podias, Maria ! andar tapada
Só com o teu cabelo à semelhança
Do sol em nuvem de manhã dourada ! . . .

É tudo encantador ! A gente cansa,
Cansa de estar olhando e sempre vendo
Um novo encanto a cada olhar que lança !

E se essa linda voz nos sai dizendo
As mimosas palavras que costuma,
Sente-se a gente logo derretendo ;

Que além de um rosto tão perfeito, em suma
Coube-te em sorte um coração perfeito,
E em ti não há, Maria ! falta alguma !

Oh ! que ditoso, alegre e satisfeito
Não viverá o homem que algum dia
Sentir pular-te o coração no peito,

E que em deliciosíssima agonia,
Vendo-te já os olhos desmaiando
Como desmaia o céu à luz do dia,

Nas asas da ventura atravessando
Os espaços de um êxtase inefável,
Abraçado contigo fôr voando

Lá para onde tudo é belo e estável!

ENLÊVO

Não brilha o sol,
Nem pode a lua
Brilhar na sua
Presença dela!
Nenhuma estrêla
Brilha diante
Da minha amante.
Da minha amada!

A madrugada
Quanto não perde!
O campo verde
Quanto esmorece!
Quanto parece

A voz da ave
Menos suave
Que a sua fala!

A flor exala
Menos perfume,
Do que é costume
O seu cabelo...
Que basta vê-lo,
Prende-se a gente;
Prende-se e sente
Gôsto inefável!

Que riso afável
Aquele riso!
Que paraíso
Aquela bôca!
Penetra, toca,
Enche de inveja
Um ar que seja
Da sua graça!

Onde ela passa,
Aonde ela chega,.

Quem lhe não prega
Olhos avaros?
Ha dotes raros,
Rara doçura
Naquela pura,
Casta existência!

Oh! que inocência
Que ela respira!
A alma aspira
Não sei que aroma,
Mal nos assoma
Ao longe aquela
Pálida estrêla . . .
Que rege o mundo!

Nunca do fundo
Do oceano
Foi braço humano
Colhêr ainda
Pérola linda,
Como a formosa
Cândida rosa
Que eu amo tanto!

Não, sei, de santo,
Que há no seu gesto...
No ar modesto
Daquele todo!
Naquele modo...
Que tudo esquece,
E nos parece
Estar no céu!

Á TUA BUSCA, AMOR!

Não sei o que há de vago,
De incoercível, puro,
No vôo em que divago
Á tua busca, amôr!
No vôo em que procuro
O bálsamo, o aroma,
Que se uma forma toma,
É de impalpável flor!

Oh! como te eu aspiro
Na ventania agreste!
Oh! como te eu admiro
Nas solidões do mar!
Quando o azul celeste

Descança nessas águas,
Como nas minhas mágoas
Descansa o teu olhar!

Que plácida harmonia
Então a pouco e pouco
Me eleva a fantasia
A novas regiões...
Dando-me ao uivo rouco
Do mar nessas cavernas
O timbre das mais ternas
E pias orações!

Parece-me êste mundo
Todo um imenso templo!
O mar já não tem fundo
E não tem fundo o céu!
E em tudo o que contemplo,
O que diviso em tudo,
És tu... êsse olhar mudo...
O mundo és tu... e eu!

ADORAÇÃO

Vi o teu rosto lindo,
Êsse rosto sem par;
Contemplei-o de longe mudo e quedo,
Como quem volta de áspero degrêdo
E vê ao ar subindo
O fumo do seu lar!

Vi êsse olhar tocante,
De um fluido sem igual;
Suave como lâmpada sagrada,

Bemvindo como a luz da madrugada
Que rompe ao navegante
Depois do temporal!

Vi êsse corpo de ave,
Que parece que vai
Levado como o sol ou como a lua
Sem encontrar beleza igual à sua;
Majestoso e suave,
Que surpreende e atrai!

Atrai, e não me atrevo
A contemplá-lo bem;
Porque espalha o teu rosto uma luz santa,
Uma luz que me prende e que me encanta
Naquele santo enlêvo
De um filho em sua mãe!

Tremo, apenas pressinto
A tua aparição;
E se me aproximasse mais, bastava
Pôr os olhos nos teus, ajoelhava!
Não é amor que eu sinto,
É uma adoração!

Que as asas providentes
Do anjo tutelar
Te abriguem sempre à sua sombra pura!
A mim basta-me só esta ventura
De ver que me consentes
Olhar de longe... olhar!

A UNS OLHOS

Eu olhos sei de uns,
Que desde que os vi,
Não vi mais nenhuns!

Vê tu por aí
Se os achas; senão,
Descubro-os a ti.

Que lindos que são!
Que modo de olhar!
Que terna expressão!

Já tenho pesar
De os vêr, porque emfim...
Que posso esperar?

Ver fitos em mim
Tais olhos. . . jámais!
Por certo : e assim,

Suspiros e ais
É quanto tirei
De ver olhos tais!

Só vendo-os se crê
Na graça, na côr,
No fluido, ou não sei

Que doce esplendor. . .
Tão doce, que eu
Não posso supor
Que exista outro céu!

OLHAR

Não é mais cândido o olhar da ave!...
Oh! se tu bem soubesses como foi
Para a minha alma um bálsamo suave
Aquele teu olhar... Deus te abençôe!

Suavíssimo, puro, íntimo, terno
Como o último olhar de mãe... que embora
Dure um momento, é um momento eterno...
Já me não passa aquele olhar agora!

Nunca em peito ansioso caíu baga
Tão suave de bálsamo celeste!
É uma luz que já se não apaga,
A luz daquele olhar que me volveste!

Pudesse-te eu mostrar, rápido, breve
E momentâneo até como êle foi,
Os inefáveis júbilos que teve
Meu coração, mulher!... Deus te abençôe!

ESPERA !

Uivaria de amor a fera bruta
Que pela grenha te sentisse a mão ;
E eu não sou fera, pomba ! espera, escuta ;
Eu tenho coração !

Não é mais preto o ébano, que as tranças
Que adornam o teu colo sedutor !
Ai ! não me fujas, pomba ! que me cansas !
Não fujas, meu amor !

A mim nasceu-me o sol, rompeu-me o dia
Da noite escura de olhos tais, mulher !
Não me apagues a luz que me alumia,
Senão quando eu morrer !

Eu não te peço a ti que as mãos de neve,
Os dedos afusados dessas mãos,
Me toquem estas minhas nem de leve . . .
Seriam rogos vãos!

Não te peço que os lábios nacarados
Me deixem êsses dentes alvejar,
Trocando, num sorriso, os meus cuidados
Em êxtase sem par!

Mas uivando de amor a bruta fera
Que pela grenha te sentisse a mão . . .
Eu não sou fera, pomba! escuta, espera!
Eu tenho coração!

SÊDE DE AMOR

Vi-te uma vez e (novo
Estranho caso foi!)
Por entre tanto povo,
Tanta mulher... Supõe,

Que mãe estremecida
Vê o seu filho andar
Sôbre muralha erguida
Aonde o fez ir dar

Aquele redemoinho,
Aquela inquietação
Dum pobre inocentinho
Ainda sem razão:

E ora estendendo os braços . . .
Ora apertando as mãos . . .
Vendo-lhe o gesto, os passos . . .
Quantos esforços vãos

O triste na cimalha
Faz por voltar atrás . . .
Sem ver como lhe valha !
A ver o que êle faz !

Pálida, exausta, muda,
Os olhos uns tições,
Com que a tremer lhe estuda
As mesmas pulsações . . .

(Porque não é mais fundo
O mar no equador,
Nem é todo êste mundo
Maior do que êsse amor ;

Mais vasto, largo e extenso
Todo êsse céu também,
Do que o amor imenso
De um coração de mãe !)

Assim, nessa agonia,
Nessa íntima avidez
É que entre os mais te eu ia
Seguindo dessa vez!

Porque te adoro . . . a ponto
Que ainda hoje, crê,
Escuto e oiço e conto
Os grãos de areia até,

Que tu, mulher! andando
Fazias estalar
Já mesmo longe e . . . quando
Deixei de te avistar!

Os olhos são
De uma expressão!
Que linda bôca!
O pé nem toca
De leve o chão!

Aquele pé,
De leve, até

Nem se êle sente!
E sente a gente
Não sei o que é!

E a graça, o ar
Daquele andar!
Que vela passa
Com tanta graça
A flor do mar?

Os olhos, ver
Um só volver
De olhar tão doce,
Que mais não fôsse...
Era morrer!

Os dentes sãos
E tão irmãos
E tão luzentes!
Que belos dentes!
Que lindas mãos!

Estrêla, nuvem, ave,
Perfume, aragem, flor!

Consola-me, destila
Da lânguida pupila
O bálsamo suave
De um desditoso amor!
Estrêla, nuvem, ave,
Perfume, aragem, flor!

A flor de que és imagem,
A flor de que és irmã,
Sacia-se e desata
O seu colar de prata
Aos beijos da aragem,
Aos risos da manhã!
A flor de que és imagem,
A flor de que és irmã!

A pérola que encerra
A flor, é sua? Não!
O pranto, que a amima,
Caiu-lhe lá de cima
Para cair na terra,
Para cair no chão!
A pérola que encerra,
A flor, é sua? Não!

Tu já mataste a sêde,
Mata-me a sêde a mim :
Se em nuvem piedosa
Te refrescaste, rosa !
Também em ti eu hei-de
Refrigerar-me . . . sim !
Tu já mataste a sêde,
Mata-me a sêde a mim !

É para que me orvalhes
Que te orvalhou o céu !
O líquido que veio
Aljofarar-te o seio
Bem é também que o espalhes
No chão . . . e o chão sou eu !
É para que me orvalhes
Que te orvalhou o céu ;

DEIXA!

Deixa que ao romper de alva o cravo, abrindo,
Á rosa envie o aroma;
E lá quando alta noite a lua assoma,
O rouxinol carpindo!

Que pela face a lágrima resvale
De quem no exílio geme;
E quando a própria sombra o homem teme,
Que a mãe seu filho embale!

Deixa que ao espaço imenso os olhos lance
O sol antes que expire!
Que pelo norte a bússola suspire
E nele só descanse!

Amam leões e tigres : não há nada,
Anjo ! que a amor se esconda ;
Beija a pomba o seu par, e abraça a onda
A rocha inanimada !

Deixa que a luz celeste banhe a rosa,
Que a rosa o céu perfume,
E a gota que do seio a flor ressume
O sol demande ansiosa !

Deixa que a nuvem negra tolde a lua,
Se a leva a tempestade !
Deixa que eu te ame a ti, cara metade
Desta alma toda tua !

BEATRIZ

Tu és o cheiro que exala
Ao ir-se abrindo uma flor !
Tu és o colo que embala
Suas primícias de amor !

Tu és um beijo materno !
Tu és um riso infantil,
Sol entre as nuvens do inverno,
Rosa entre as flores de abril !

Tu és a rosa de maio !
Tu és a flâmula azul
Que atam à flecha do raio
As tempestades do sul !

Tu és a nuvem de agosto,
Meu alvo velo de lã!
Tu és a luz do sol-posto
Tu és a luz da manhã!

Tu és a tímida corça
Que mal se deixa avistar!
Tu és a trança que a fôrça
Do vento leva no ar!

És a pérola que salta
Do níveo cálix da flor!
És o aljôfar que esmalta
Virgíneas rosas de amor!

És a roseira que a custo
Levanta as rosas do chão!
És a vergôntea do arbusto,
Anjo do meu coração!

Tu és a água das fontes,
Tu és a espuma do mar!
Tu és o lírio dos montes,
Tu és a hóstia do altar!...

És o pimpolho, és o gomo !
És um renôvo de amor !
Tu és o vedado pomo . . .
Tu és a minha Leonor !

Tu és a Laura que eu amo,
E a minha Tábua da Lei,
E a pomba que trouxe o ramo,
E a margarida que achei !

És o lírio, és a bonina
Dos vales do meu país !
És a minha Catarina !
És a minha Beatriz !

O SEU NOME

Ela não sabe a luz suave e pura
Que derrama numa alma acostumada
A não ver nunca a luz da madrugada
Vir raiando, senão com amargura!

Não sabe a avidez com que a procura
Ver esta vista, de chorar cansada,
A ela . . . única nuvem prateada,
Única estrêla desta noite escura!

E mil anos que leve a Providência
A dar-me êste degrêdo por cumprido,
Por acabada já tão longa ausência,

Ainda nesse instante apetecido
Será meu pensamento essa existência . . .
E o seu nome, o meu último gemido.

Oh ! o seu nome,
Como eu o digo
E me consola !
Nem uma esmola
Dada ao mendigo
Morto de fome !

Num mar de dores
A mãe que afaga
Fiel retrato
De amante ingrato,
Única paga
Dos seus amores . . .

Que rôta e nua,
Trémulos passos,
Só mostra à gente
A inocente
Que traz nos braços
De rua em rua ;

Visto que o laço
Que a prende à vida
E só aquela

Cândida estrêla,
Que achou caída
No seu regaço ;

(Não que lhe importe
A ela nada . . .
Que tudo escusa ;
E até acusa
De descuidada
Consigo a morte !)

Mão bemfazeja,
Se por ventura
Encontra um dia . . .
Com que alegria,
Com que ternura
Ela a não beija ! . . .

Mas com mais quanto
Amor te escrevo,
Soletro e leio,
Nome de enleio,
Nome de enlêvo,
Nome de encanto !

Como a água de um lago, toda um nível,
Vai de círculo em círculo ondeando,
Se a andorinha a roça ao ir voando
Atrás dalgum insecto imperceptível;

E quebrado êsse espelho em mil pedaços.
(Que a imagem do céu desaparece)
Em círculos concêntricos parece
Tornarem-se a formar novos espaços...

Ou como d'entre as notas inefáveis
Dos cânticos do céu — todo harmonia —
Mal soa o doce nome de Maria,
Pasmam as multidões inumeráveis;

E de onda em onda cada vez mais larga,
De brisa em brisa cada vez mais pura,
O nome dessa excelsa criatura
Por todo aquele imenso mar se alarga;

E tudo quanto cérca o trono eterno
Àquela doce voz desprende o canto,
Formando um côro universal, emquanto
Reina silêncio no profundo inferno...

Assim, nesta paixão que me devora,
Se aos lábios essas sílabas me assomam.
As negras sombras da minha alma tomam
Gradualmente o esplendor da aurora!

Toda a idea má recua um passo,
Aplanam-se os domínios do futuro
E do cristal mais transparente e puro
Se me arqueia a abóbada do espaço!

Desdobra-se o passado à luz do dia
Em vale ameno aos olhos da memória.
E eu acho não ser pérfida, ilusória,
A fé que eu punha em certa luz que eu via...

Vejo que aquele informe e negro monte,
Que me tapava a mim o fim da vida,
Não era mais que a natural subida
Para se dominar vasto horizonte!...

Êsse horizonte és tu, pombinha brava!
Tu cujo peito, que aliás encerra
O que há de belo e grande em céu e terra
Só com duas conchinhas se tapava...

Mas, emquanto não chego àquela altura,
Donde se avista a terra prometida,
Irei cantando, distraindo a vida
Com essa invocação suave e pura:

Invocação de nome tão suave
Como êsse olhar, que eu só de ver suspiro!
Mas que invoco em silêncio... como admiro
A luz da lua e o olhar da ave!

E se algum dia
Deres abrigo
Ao desgraçado
Pobre mendigo,
Expatriado,
Morto de fome,
Dize contigo:
« Mais consolado
Se êle sentia
Lendo o meu nome! »

AMOR

Não vês como eu sigo
Teus passos, não vês?
O cão do mendigo
Não é mais amigo
Do dono talvez!

Ao pé duma fonte
No fundo dum vale,
No alto dum monte
De vasto horizonte,
Sem ti, estou mal!

Sem ti, olho e canso
De olhar, e que vi?

Os olhos que lanço,
Acharem descanso,
Só acham em ti!

Os ventos que empolam
A face do mar,
E as ondas que rolam
Na praia, consolam
Tamanho pesar?

As formas estranhas
De nuvens que vão
Roçando as montanhas
Em ondas tamanhas
Distraem-me? Não!

A pomba que abraça
No ar o seu par,
E a nuvem que passa,
Não tem essa graça
Que tens a andar!

Parece o pézinho,
De lindo que é,

Ligeiro e lèvinho,
O dum passarinho
Voando de pé!

O rosto, há em tôrno
Da pálida oval,
Daquele contôrno
Tão puro, o adôrno
Da auréola imortal!

Não sei que luz vaga,
Mas íntima luz,
Que nunca se apaga,
Me inunda, me alaga,
Se os olhos lhe puz!

Eu amo-te, e sigo
Teus passos, bem vês!
O cão do mendigo
Não é mais amigo
Do dono talvez!

OS OLHOS FALAM

Pois se, como sempre fomos,
Somos
Pétalas da mesma flor,
E o que eu sinto, ou eu me iludo,
Tudo
Também sentes, gôsto e dor;

Que te arrasa os olhos de água?
Mágoa
Em que eu não deva tocar?
Oh! mas se há quem a suavize,
Dize,
Vou-lhe um suspiro levar.

Não se alcança, não se avista,
Dista
Daqui muito a causa, ou não?
Dos teus olhos muito; e pouco,
Louco,
Pouco do teu coração!

Sei o que vai em teu seio:
Cheio
De mal compensado amor,
Debalde os lábios se calam;
Falam
Ainda os olhos melhor.

LUZ DO CÉU

Que vos disse, meus olhos tentadores!
Disse-vos que se há muito vos não sigo,
É porque nunca em vida achei abrigo
Senão dentro em mim mesmo às próprias dores!

Nem um só de meus tímidos olhares
Que não levasse um férvido gemido,
Mas que nunca podia ser ouvido
Da pomba que voava nesses ares...

Nessas alturas onde tudo é brilho,
Harmonia, pureza, formusura;
Nas regiões da plácida candura....
Tão distantes dos trâmites que trilho;

Dos trâmites onde ando taciturno,
Insensível, inerte, ouvindo a espaços
O eco surdo de meus próprios passos
Como o voar dum pássaro nocturno ;

Dêste cárcere frio, escuro, imundo,
Desta vida sem vida, esta cadeia
Onde uma vaga luz me bruxoleia
Como o pálido olhar dum moribundo !

Mas tu, oh ! luz do céu ! cheia de graça !
Tu cuja cinta meço a toda a hora,
Tu para mim és o listão da aurora
Que me encobre a montanha da desgraça :

Em te avistando ao longe, como eu pinto
Já doutra côr o céu ! Mal te oiço o vôo,
Como eu digo contente : eu te abençôo,
Oh ! dia em que nasci ! Eu amo ! Eu sinto !

MEU CASTO LÍRIO

Meu casto lírio,
Terno delírio,
Glória e martírio
Do meu amor!
Amo-te còmo
A haste o gomo,
O lábio o pomo,
E o ôlho a flor.

Se ao meu ouvido
Chega o rugido
Do teu vestido
Indo a roçar,
Que som me vibra

Não sei que fibra,
Que me equilibra
A mim no ar?

É que harpa santa
É que me encanta
E enche de tanta
Consolação,
Quando uma fala
Terna se exala
Donde se embala
Teu coração?

Quando te vejo
De um simples beijo
Corar de pejo,
Mudar de côr,
Que susto é êsse
Que me parece
Te empalidece,
Rosa de amor?

Quando no leito
Teu níveo peito

Sonho que estreito
E aperto ao meu,
Vendo tão perto
O céu aberto,
Porque desperto,
Anjo do céu ?

Não fujas, rosa,
Não fujas, goza
Manhã mimosa,
Manhã de amôr !
De fôlha em fôlha
A flor se esfolha
Bem cedo, e olha
Que és uma flor ! . . .

AROMA E AVE

Eu digo, quando assoma
O astro criador :
Deus me fizesse aroma
De alguma pobre flor !

E digo, quando passa
Uma ave pelo ar :
Deus me fizesse a graça
De asas para voar !

Aroma, da janela
Me evaporava eu,
Me respirava ela
E me elevava ao céu !

E quem, se eu fôsse uma ave,
Me havia de privar
A mim da luz suave
Daquele seu olhar ?

DUAS ROSAS

Que bonita, meu amor !
Que perfeita, que formosa !
A ti puseram-te Rosa,
Não te fizeram favor ;
A rosa quem há que a veja
Bandeando, sem gostar ?
Mas por mais linda que seja
A rosa quando se embala,
Não te ganha nem iguala
A ti em indo a andar !

A rosa tem linda côr,
Não há flor de côr tão linda ;
Mas a tua côr ainda
É mais fina e é melhor !
Murcha a rosa, que desgôsto !
Só de lhe a gente bulir ;

E essas rosas do teu rosto
É em alguêm te tocando
Que parece mesmo quando
Elas acabam de abrir!

Cheiro o da rosa, êsse não,
Não é mais do meu agrado,
Que o teu bafo perfumado,
A tua respiração!
Depois a rosa em abrindo
Vai-se-lhe o cheiro também;
A tua bôca, em te rindo,
Só o bom cheiro que exala!
E quando falas, a fala,
Isso é que a rosa não tem!

Ela que tem, meu amor?
O cheiro, a côr e mais nada.
Confessa, rosa animada,
Que és outra casta de flor
Os olhos só êles valem
Duas estrêlas, bem vês;
Pois vozes que a tua igualem
Na doçura, na pureza...

Na terra não, com certeza ;
Agora no céu . . . talvez !

Não há assim perfeição,
Não há nada tão perfeito !
Mas é um grande defeito
O de não ter coração !
Nisso é que te leva a palma
A rosa sendo uma flor
Sem voz, sem vida, sem alma . . .
Que abre logo à luz da aurora,
E à noite esconde-se e chora
Pelo sol o seu amor !

Ora e se a rosa, vê bem,
Tem amor, não tendo vida,
Será coisa permitida
Tu não amares ninguêm ?
Cuidas que Deus te agradece
Essa isenção, minha flor !
Deus a ninguêm reconhece
Por filho senão quem ama . . .
A terra e o céu proclama
Que êle é todo puro amor !

SAUDADE

Tu és o Cálix
E eu o orvalho :
Se me não vales,
Eu nada valho !

Eu se em ti caio,
E me acolheste,
Torno-me um raio
De luz celeste !

Tu és o colo
Onde me embalo
E acho consôlo,
Mimo e regalo ;

Pétala curva
Que se aljofara,
Não de água turva,
Mas de água clara!

Quando me passa
Essa existência,
Que é toda graça,
Toda inocência,

Além da raia
Dêste horisonte,
Sem uma faia,
Sem uma fonte,

O passarinho
Não se consome
Mais no seu ninho
De frio e fome,

Quando se ausenta
A boa amiga,
Ah! quê o sustenta
E que o abriga!

Sinto umas mágoas
Que se confundem
Com as que as águas
Do mar infundem!

E que um dia
Passou os mares
É que avalia
Os meus pesares!

Só quem lá anda
Sem achar onde
Sequer expanda
A dor que esconde;

Longe do berço,
Morrendo à míngua,
País diverso...
Diversa língua...

Êsse é que sabe
O meu tormento
Mal se me acabe
Aquele alento!

Ah ! nuvem branca !
Ah ! nuvem de ouro !
Ninguêm me estanca
Amargo chôro ;

E assim que passes,
Mesmo de largo,
Vê nestas faces
Se há pranto amargo !

Tu és o norte
Que me desvias
De ir dar à morte
Todos os dias ;

A larga fita
Que de alto monte
Cerca e limita
Èste horizonte.

Tu és a praia
Que eu solicito ;
Tu és a raia
Dêste infinito !

Se há uma gruta
Onde me esconda
À fôrça bruta
Que traz a onda ;

À fôrça imensa
Desta corrente
De alma que pensa,
De alma que sente ;

Se há uma vela,
Se há uma aragem,
Se há uma estrêla,
Nesta viagem . . .

É quem eu amo,
É quem adoro,
E por quem chamo,
E por quem choro !

AMO-TE

Eu não te posso a ti dizer mais nada .
Senão essa palavra já sem fôrça,
À força de empregada.
Mas eu, tímida corça
E minha amada !
Pomba inocente,
Tão longe e tão presente !
Digo-a a ti com quanta fôrça mais,
Mais puro intuito
E mais razão !
Nessa palavra as sílabas são ais
Que me saem a mim do coração :
— Amo-te . . . muito ! muito !

DELICIOSA CRUZ

Luz de íntima influência,
Oh ! fugitiva luz,
Luz cuja eterna ausência
É minha eterna cruz !

Pudessem-te, inda antes
Do meu extremo adeus,
Meus olhos flutuantes
Ver lampejar nos céus !

Se ainda nesse espaço,
Tão longe onde tu vás,
Visse um reflexo baço
Da pura luz que dás,

Tornaram-se-me em estrêlas
As lágrimas de dor!
E lágrimas são elas...
Sim, lágrimas de amor!

Vê nesse espaço imenso
Os astros como estão,
Bem como eu estou suspenso
Por íntima atracção!

Porque há quem os atraia:
É essa eterna paz,
Que a mim de praia em praia
A suspirar me traz!

Converte-me êste inferno
Em azulado céu
Ou quebra o laço eterno
Que a tua luz me deu!

Ou antes, muda em espuma
De nunca estável mar
Esta alma, que alma alguma
Pode exceder em amar!

Em cinza, em terra, em nada
Meu ser converte, ó luz !
Mas sempre, sempre amada,
Deliciosa cruz !

DESCALÇA

Quem és, que ao ver-te o coração suspira
E em puro amor desfaz-se ?
Raio crepuscular do sol que nasce,
De lâmpada que expira ?

Como os teus pés são lindos ! Como é doce
A curva do teu peito !
Oh ! se o meu coração fôsse o teu leito,
E o teu amado eu fôsse !

Que preciosas pérolas descobre
Teu meigo, húmido lábio !
E, virgem ! como Deus foi justo e sábio
Em te fazer tão pobre !

Não tens fofo veludo onde se atole
Tua angélica imagem ;
Mas quando é belo o céu, bela a paisagem ?
E quando é belo o sol ?

Limpo de nuvens, nú, derrete a neve,
E a águia até desmaia !
Tu não tens mais do que uma pobre saia,
E essa, curtinha e leve :

Onde o corpo te alteia, a saia avulta ;
Onde te abaixa, desce . . .
És como a rosa ; a rosa nasce e cresce,
Não para estar oculta . . .

A ti, pois, que te falta ? Os teus desejos
Quais são ? de que precisas ?
Ah ! não ser eu o mármore que pisas . . .
Calçava-te de beijos !

LÁGRIMA CELESTE

Lágrima celeste,
Pérola do mar,
Tu que me fizeste
Para me encantar!

Ah! se tu não fôsses
Lágrima do céu,
Lágrimas tão doces
Não chorara eu.

Se eu nunca te visse,
Bonina do vale,
Talvez não sentisse
Nunca amor igual.

Pomba debandada
Que é dos filhos teus ?
Luz da madrugada,
Luz dos olhos meus !

Meu suspiro eterno,
Meu eterno amor,
De um olhar mais terno
Que o abrir da flor,

Quando o néctar chora
Que se lhe introduz
Ao romper da aurora
E ao raiar da luz !

Esta voz te enleve,
Este adeus lá sôe,
O Senhor t'o leve,
E Deus te abençôe.

O Senhor te diga
Se te adoro ou não,
Minha doce amiga
Do meu coração !

Se de ti me esqueço
Ou já me esqueci,
Ou se mais lhe peço,
Do que ver-te a ti!

A ti, que amo tanto
Como a flor a luz,
Como a ave o canto,
E o Cordeiro a Cruz;

A campa o cipreste,
A rôla o seu par,
Lágrima celeste!
Pérola do mar!

INOCÊNCIA

Encolhe as asas, que te abrasas, louca !
O fogo mata a quem o gera, atende ;
Foge e, se a vida te aborrece, estende
Um braço aos anjos, que a distância é pouca.

Porque uma nuvem, onda transitória
Do mar imenso, vem poisar na serra,
Não fica a nuvem pertencendo à terra :
Tu és o anjo que desceu da glória.

Estranhas fôrças para ti me atraem ;
E às vezes cedo, tua cinta enleio,
Teus olhos beijo, mas contemplo o seio,
Tua alma dorme, e os meus braços caem . . .

Desfalecidos, flor celestial
Como ante um berço cai a foice erguida,
Se há nele mais do que uma simples vida,
Se há inocência que mil vidas vale.

Oh ! não : teus lábios o meu fel não provem ;
Outros os lírios dessa face esmaguem ;
De outras mãos ímpias teu sorriso apaguem
Emquanto os lábios tuas graças louvem.

Já no meu berço de inocência pude
Pesar as jóias que hoje em vão te invejo :
Provei os favos de ilibado pejo,
Sei o que perde quem o vício ilude.

Alcantil íngreme, onde o raio é certo,
Contêm mais seiva, que inda o musgo cria :
Quanto de fértil em nossa alma havia,
Só deixa o ermo da saudade aberto !

Cair no abismo de íntimos pesares
Dessas alturas onde mal te vejo,
O ponto estava em derreter num beijo
O fio de oiro que te prende aos ares.

Nesses dois cofres, nesse colo, onde
Tantas riquezas enterrei ciumento
E que alta noite vela o pensamento
Pelo cristal que o coração te esconde,

Em oiro em barra, fina prata e quanto
Coalha o vasto e opulento Oriente,
Fôra em ruínas encontrar sòmente
Carvão... se um dia te quebrasse o encanto!

Casta inocência, de Deus filha e bela
Entre as mais belas! virginal aroma!
Rosa inefável que, se à luz assoma,
Haste e raiz apodreceu com ela!

Sol que uma vez em nossa vida passas!
Flor que uma e neutra, como Deus, não gera;
Que se abre morre, mas sem prole, inteira
Com todo o côro das virgíneas graças:

Ao ver-te, embora meu olhar te envia
O ímpio incenso de Nadab, ajoelho...
Rosa da face e, não só rosa, espelho
Da face oculta de quem espalha o dia!

Se por teus membros orvalhadas flores
Pródigas mãos da formosura entornam,
Flores mais belas o teu seio adornam!...
Vós, lírios de alma, virginais amores!

O céu me encanta, como encanta o inferno:
Mistério... espaço... mente exploradora!
Morre nas mãos o que a nossa alma adora
— Vago, impalpável, infinito, eterno!

TURÍBULO

Turíbulo suspenso
inda flutuo
Emquanto a alma em incenso
restituo ;

Mas quando, como fumo
que se esvai,
Minha alma, vás teu rumo . . .
. sobe e vai !

Vai destas densas trevas,
desta cruz,
Levar-lhe . . . quanto levas,
pobre luz !

Amor que em mim não cabe,
vai depor
Em Deus; e Deus bem sabe
se era amor:

Se doutra flor o cálix
mais libei
Por êsses quantos vales
divaguei;

Se lâmpada tão linda
vi já mais,
Que me esquecesse ainda
de olhos tais!

Dos olhos meus se um pranto
só brotou,
Que o fogo dêsse encanto
não gerou!

Se um nome em ígneo traço
li no céu,
Nas ondas e no espaço,
mais que o seu...

Se n'alma, Deus que fôsse,
Pôde a sós
Vibrar-me voz mais doce,
Que essa voz!

Deus sabe se eu dos montes
Vi também
Nos vastos horizontes
mais alguêm;

Nos tristes e risonhos
dias meus,
Se alguêm vi mais em sonhos.
Que ela e Deus!

Porêm quem é que apanha
o aéreo véu
Da nuvem da montanha,
se é do céu?

Se à terra a nuvem desce,
quando vai
Tocar-se-lhe, desfez-se
como um ai!

Mas breve — ao chão meu lodo!
e a ti, Senhor,
Minha alma; e a ela... ah! todo
o meu amor.

ANJO... OU MULHER!

Às vezes trémula, inquieta,
Como a luz duma estrelinha,
Vou encontrá-la sòzinha
Num cálix de violeta:
    Se os anjos choram de encanto,
    Deve assim ser o seu pranto!

Que vezes a não admiro
A exalar-se da rosa,
Como de bôca formosa
Se exala mudo suspiro!
    Então a sua existência
    Não passa de pura essência.

Oiço-lhe em noites serenas,
E noites tempestuosas,
Ao longe vozes saudosas,
Que parecem ais apenas:
Não sei que linguagem fala
Ou que suspiros exala...

Quantas vezes ao sol-posto,
Naquelas nuvens douradas,
Lhe estou a ver desmanchadas
As tranças por sôbre o rosto!
Fica-me a alma suspensa
Daquela abóbada imensa!

Mas quanto mais admirável,
Quando tudo em si resume:
Quando é orvalho e perfume,
Mistério e luz inefável!...
E não me fartar de a ver
Em fórma de anjo... ou mulher!

SOL DO MEU DIA

Se eu fôsse nuvem tinha imensa mágoa
Não te servindo de asas maternais
Que te pudessem abrigar da água
Que chovesse das mais!

E sendo eu onda, tinha mágoa suma
Não te podendo a ti, mulher, levar
De praia em praia sôbre a alva espuma,
Sem nunca te molhar!

E sendo aragem eu, que pela face
Te roçasse de rijo alguma vez
Que o Senhor com mais força respirasse...
Que mágoa imensa... Vês!

E a luz do teu olhar que me não luza
Um rápido momento a mim sequer,
Como a águia no ar, que passa e cruza
A terra sem a ver!

Mas que me importa a mim! Se me esmagasses
Um dia aos pés o coração a mim,
As vozes que lhe ouviras, se escutasses,
Era o teu nome... sim;

O teu nome gemido docemente,
Com toda a fé de um mártir em Jesus,
Se acaso já em Cristo pôs um crente
A fé que eu em ti pus!

A fé, mais o amor! Porque êle expira
Sem que a ninguêm lhe estale o coração;
E eu, se essa luz dos olhos me fugira,
Sobrevivia? Não.

Assim como em ti vivo, morreria
Também contigo, se uma vez (que horror!)
Te visse pôr, oh! sol!... sol do meu dia!
Astro do meu amor!

NOITE DE AMORES

Mimosa noite de amores,
Mimoso leito de flores,
Mimosos, lângidos ais!
Vergôntea débil ainda,
Tremia! Lua tão linda,
Lembra-me ainda . . . jàmais!

Aquela dália mimosa,
Aquele botão de rosa
Dos lábios dela . . . Senhor!
Murchavam; mas, como a lua,
Passava a nuvem: « Sou tua »!
Reverdeciam de amor!

E aquela estátua de neve
Como é que o fogo conteve
Que a não vi descoalhar?
Ondas de fogo, uma a uma,
Naquele peito de espuma
Eram as ondas do mar!

Como os seus olhos me olhavam,
Como nos meus se apagavam,
E se acendiam depois!
Como é que ali confundidas
Se não trocaram as vidas . .
E os corações de nós dois!

Mimosa noite de amores,
Mimoso leito de flores,
Mimosos, lânguidos ais!
Vergôntea débil ainda,
Tremia! Lua tão linda,
Lembra-me ainda . . . jàmais

SEMPRE

Pensas que te não vejo a ti? Bom era!
Gravei tão vivamente n'alma a doce
E bela imagem tua, que eu quisera
Deixar de contemplar-te só que fôsse
Um momento, e não posso, não consigo!

Foges-me, escondes-te e, que importa? esculpes
Mais fundo ainda os indeléveis traços!
Realça-te o retrato! E não me culpes!
Culpa-te antes a ti!... Sigo-te os passos!
Vejo-te sempre! trago-te comigo!

BEIJO NA FACE

Beijo na face
Pede-se e dá-se :
Dá ?
Que custa um beijo ?
Não tenha pejo :
Vá !

Um beijo é culpa
Que se desculpa :
Dá ?
A borboleta
Beija a violeta :
Vá !

Um beijo é graça,
Que a mais não passa :
Dá ?
Teme que a tente ?
É inocente . . .
Vá !

Guárdo segrêdo,
Não tenha mêdo . .
Vê ?
Dê-me um beijinho,
Dê de mansinho,
Dê !

Como êle é doce !
Como êle trouxe,
Flor,
Paz a meu seio !
Saciar-me veio,
Amor !

Saciar-me ? louco . . .
Um é tão pouco,
Flor !

Deixa, concede
Que eu mate a sêde,
Amor!

Talvez te leve
O vento em breve,
Flor!
A vida foge,
A vida é hoje,
Amor!

Guardo segrêdo,
Não tenhas mêdo
Pois!
Um mais na face,
E a mais não passe!
Dois...

Oh! dois? piedade!
Coisas tão boas...
Vês?
Quantas pessoas
Tem a Trindade?
Três!

Três é a conta
Certinha e justa...
Vês?
E que te custa?
Não sejas tonta!
Três!

Três, sim: não cuides
Que te desgraças:
Vês?
Três são as Graças,
Três as Virtudes;
Três.

As fôlhas santas
Que o lírio fecham,
Vês?
E não o deixam
Manchar, são... quantas?
Três!

PERDÃO!

Seria o beijo
Que te pedi,
Dize, a razão
(Outra não vejo)
Porque perdi
Tanta afeição?
Fiz mal, confesso;
Mas êsse excesso,
Se o cometi,
Foi por paixão
Sim, por amor
De quem? . . . de ti!

Tu pensas, flor,
Que a mulher basta
Que seja casta,
Ùnicamente?
Não basta tal:
Cumpre ser boa,
Ser indulgente.
Fiz-te algum mal?
Pois bem: perdoa!

É tão suave
Ao coração
Mesmo o perdão
De ofensa grave!
Se o alcançasse,
Se o conseguisse,
Quisera então
Beijar-te a mão,
Beijar-te a face...
Beijar? que disse!
(Que indiscreção...)
Perdão! Perdão!

DÚVIDA

Amas-me a mim? Perdoa
É impossivel! Não,
Não há quem se condoa
Da minha solidão.

Como podia eu, triste,
Ah! inspirar-te amor
Um dia que me viste,
Se é que me viste... flor!

Tu, bela, fresca e linda
Como a aurora, ou mais,
Do que a aurora ainda,
Mal ouves os meus ais!

Mal ouves, porque as aves
Só soltam de manhã
Seus cânticos suaves ;
E tu és sua irmã !

De noite apenas trina
O triste rouxinol :
Toda a mais ave inclina
O colo ao pôr do sol.

Porquê ? porque é ditosa !
Porquê ? porque é feliz !
E a que sorri a rosa ?
Ao mesmo a que sorris . . .

À luz dourada e pura
Ao astro criador ;
À noite, não, que é escura,
Causa-lhe a ela horror.

Ora, uma nuvem negra,
Uma pesada cruz,
Uma alma que se alegra
Só quando vê a luz

De que êle, o sol, inunda
O mal, quando se pôe,
Imagem moribunda
De um coração que foi...

Uma alma semelhante
Não pode cativar
Um rosto tão galante,
Um tão galante olhar!

E eu vi os caracteres
Que a tua mão traçou;
Mas vós... ah! vós, mulheres,
Quem já vos decifrou!

Mal te sustinha o pulso
A delicada mão;
Sentia-te convulso
Bater o coração;

Via-te arfar o seio...
Corar... mudar de côr...
E embora, ah! não, não creio...
Tu não me tens amor!

DUAS QUADRAS

Eu bem sei qual é a tinta
Que dás às faces mimosas :
É o carmim com que pinta
Deus nosso Senhor as rosas.

Não digas que me não amas
A ver se tenho ciúme ;
Os laços do amor são chamas,
E não se brinca com lume.

PAIXÃO

Supõe que de uma praia, rocha ou monte,
Com essa vista embaciada e turva
Que dá aos olhos entranhável dor,
Tinhas podido ver transpor a curva
Pouco a pouco do liquido horizonte
A barca saùdosa que levasse
Aquele a quem primeiro uniste a face
E o teu primeiro amor!

Depois, que toda mágoa e saùdade,
Da mesma rocha ou alcantil deserto,
Olhando ávidamente para o mar . . .
Vias na solitária imensidade

Vagas ficções de um pensamento incerto
Surgir das ondas, desfazer-se em espuma,
Não alvejando nunca vela alguma . . .
E sempre a suspirar!

Até que à luz de uma intuição sublime
De alma arrancavas o gemido extremo
De saüdade, desespêro e dor! . . .
Pois é assim que eu sofro, assim que eu gemo,
Que nuvem negra o coração me oprime,
Nuvem de magoa, nuvem de ciúme,
Em te não vendo à hora do costume . . .
Meu anjo e meu amor!

CIÚME

Rainha das mulheres
Te chamei eu um dia ;
Recordas-te ? Podia
Dizer-te ainda como
Ias então vestida.
Ai meu vedado pomo !
Sonho da minha vida !
Não me passou ainda
Nem passará jámais
Aparição tão linda,
Curvas tão ideais !

O gárbo, a majestade
E a singeleza, a graça

De teu vestido côr
Da rôxa saùdade
Ainda me não passa :
Que é dêle, meu amor ? !

A graça, o ar de alvéola
De virgem vaporosa,
Que ao longe se adivinha,
De longe nos atrai,
E quando se avizinha,
Quàsi que a gente cai
Em muda adoração . . .
Que é senão essa auréola
Que cérca a formosura
— Mística emanação
De uma alma ainda pura !

É êsse um privilégio,
Que a gente não pratica
Jàmais o sacrilégio
De atribuir em vão !
Uma divina graça
Que até nos santifica !
Um círculo, um clarão

Que banha a vista e passa
Da vista ao coração!

Eu vejo-te e sorrio,
Celeste criatura!
Que me enche de ventura
O coração vazio?

A rosa espalha em tôrno
Deliciosa essência;
Tu, êsse fluido morno
Que anula esta distância
Da nossa residência!
Sinto-te a influência
E aspiro-te a fragrância!

Não tinha o pobre monge
Dentro em sua alma o céu?
Assim também sou eu!
Não vai daqui ao sol
Distância imensa? Eu cuido
Que te irradia um fluido
Simpático mais longe...

À noite que o lençol,
Neste calor que vai,
Quando te deitas cai
Sôbre o teu seio . . . eu sinto !
E sabes que não minto :
Oh ! se pudesse ser . . .
Tu és mulher, presume
O que eu não sei dizer . . .
— Mordia-o de ciúme . . .

MAL SABES

Mal sabes o que sofro num momento
De dúvida ou ciúme ; se soubesses,
Tão bem formado coração pareces
Que me não davas nunca êsse tormento.

Despedi-me de ti, os lábios rindo,
Mas estalando o coração, que em suma
Deus me livrasse a mim por forma alguma,
De te nublar um dia o gesto lindo !

Que eu sofra, muito embora : o meu destino
Qual é senão sofrer a vida inteira ?
Causa da tua lágrima primeira
E que nunca serei : não te amofino.

Quis converter a terra em paraíso :
Vendo uma luz no céu, ergui o braço
A ver se a apanhava nesse espaço . . .
Como faz a criança sem juízo !

ESCREVE!

Não sei o que supor
Do teu silêncio. Escreve!
Quem é amado deve
Ser grato ao menos, flor!

Se eu fôsse tão feliz
Que te falasse um dia,
De viva voz diria
Mais do que a carta diz.

Mas olha, tal qual é,
Não rias dêsse escrito,
Que pouco ou muito é dito
Tudo de boa fé.

Há nesse teu olhar
A doce luz da lua,
Mas luz que se insinua
A ponto de abrasar . . .

Pareça nele, sim,
Que há só doçura, embora,
Há fogo que devora . . .
Que me devora a mim !

Que mata, mas que dá
Uma suave morte ;
Mata da mesma sorte
Que uma arvore que há ;

Que ao pé se lhe ficou
Açaso alguêm dormindo
Adormeceu sorrindo . . .
Porêm não acordou !

Êsse teu seio então . . .
Que encantadora curva !
Como o de ver se turva
A vista e a razão !

Como até mesmo o ar
Suspende a gente logo,
Pregando olhos de fogo
Em tão formoso par!

Oh! seio encantador,
Delicioso seio!
Que júbilo, que enleio
Libar-lhe o néctar, flor!

Eu tenho muita vez
Já visto a borboleta
Na casta violeta
Poisar os leves pés;

E num enlêvo tal,
Numa avidez tamanha,
Que a gente a não apanha
Com dó de fazer mal!

Pegada à flor então
No pé curvinho e mole,
As asas nem as bole
Toda sofreguidão!

Poisou . . . adormeceu !
Só vê, só ouve e sente
O cálix rescendente
Daquele mel do céu !

Pois vê com que prazer
E com que ardente sêde
Te havia . . . que não hei-de ! . . .
Também beijar, sorver !

Mas eu só peço dó,
Só peço piedade !
Mata-me a saüdade
Com duas linhas só !

Eu, a não ser em ti,
Achar alívios onde ?
Escreve-me ! responde
À carta que escrevi !

Cansado de esperar
Às vezes quando saio,
Pensas que me distraio ?
Pois volto com pesar !

Concentra-se-me em ti
A alma de tal modo,
Que êsse bulício todo
Nem o ouvi, nem vi !

Ninguêm te substitui
Porque só tu és bela !
Que estrêla a minha estrêla,
E que infeliz que eu fui !

Mas devo-te supor
Sempre indulgente e boa :
Escreve-me e perdoa
Meu violento amor !

Respeita uma afeição
Inútil mas sincera !
Tu és mulher, pondera
O que é uma paixão.

Com sangue era eu capaz
De te escrever ; portanto,
Tinta não custa tanto,
E não me escreverás ?

Uma palavra, sim,
Que me não amas . . . queres?
Emquanto me escreveres,
Tu pensarás em mim!

Só essa idéia, crê,
Encerra mais doçura
Que as provas de ternura
Que outra qualquer me dê!

A UM RETRATO

Amo-te, flor! Se te amo, Deus que o sabe
Que o diga a teus irmãos, que o céu povoam
E ébrios de glória cânticos entoam
A quem no mar, na terra e céus não cabe.

Se te amo, flor! que o diga o mar que expele
Quanto é domínio, e beija humilde a praia...
Se mal que a lua lá das ondas saia
Nas rochas me não vê gemer com êle!

Amo-te flor! Se te amo, o sol que o diga:
Quando lá da montanha aos céus se eleva,
Se entre os vermes do pó, que o vento leva,
Me banha a mim também na luz amiga.

Se te amo, flor? Sem ti... que noite escura,
Meu céu, meu campo em flor, meu dia e tudo!
Diga-te a noite minha se te iludo,
Se em vida já sem ti sonhei ventura!

O anjo que no berço humilde e escasso
Do céu me veio alumiar piedoso
E em lágrimas e riso, pranto e gôzo,
Desde então me acompanha passo a passo;

És tu! Amo-te e muito! O que flutua
Na fornalha que o sôpro eterno acende,
Não beija a mão do anjo que o suspende
Com mais amor que eu beijo a sombra tua!

SOL INTIMO

Os olhos sempre que os pus
Fitos no astro do dia
(Parece que se introduz
Tanta luz na fantasia . . .)
Sabem o que acontecia ?
Fechava os olhos e via
Do mesmo modo essa luz.

Assim foi certa visão
Que tive por meus pecados !
Nunca uma breve impressão
Em meus olhos descuidados
Deu tamanhos resultados . . .
Que é vê-la de olhos fechados.
Ainda no coração !

O LIVRO DE AMOR ELEGÍACO

ALMA PERDIDA

Deus cria as almas aos pares;
Cada um dos seus olhares
É um casal que voou:
Às vezes cruzam nos ares
Essas pombinhas o vôo...
Mas Deus criou-as aos pares!

Partindo juntas de um ponto
Cuidam também que de pronto
Se tornam a ajuntar;

Mas andam almas sem conto
No mundo à busca de par . . .
Partindo juntas de um ponto !

A minha irmã, não sei dela !
Ao avistar, de uma estrêla,
Um filho ao colo da mãe . . .
Uma graça como aquela,
Só contemplando-se bem . . .
E a minha irmã não sei dela !

Levado daquele encanto
Pelo afecto mais santo
E mais profundo que há,
Não me lembrou se entretanto
Minha irmã ficava lá . . .
Levado daquele encanto !

Pobre de uma alma perdida
Da sua irmã nesta vida,
Que é um contínuo gemer !
É uma noite comprida
Sem nunca lhe amanhecer . . .
Pobre de uma alma perdida !

Ainda quem sempre espera
Achar a alma sincera
Que Deus lhe deu por irmã . . .
Talvez ache a companheira,
Por quem suspira, amanhã . . .
Feliz de quem sempre espera !

FÔLHA CAÍDA

Árida palma
Tem seu licor;
Tem, como a alma
Tem seu amor;
Tem, como a hera
Tem seu abril;
Tem, como a fera
Tem seu covil.

Tem toda a planta,
Que o sol crestou,
Lágrima santa
Que a orvalhou;
E o passarinho,
Que ontem nasceu,
Lá tem seu ninho
Que a mãe lhe deu.

Só eu na mágoa
Do meu penar
Sou como a água
Que anda no mar;
Sou como a onda
Que à busca vem
Donde se esconda,
E onde não tem!

Fôlha revôlta
Que anda no chão,
Lágrima sôlta
Do coração;
Corpo sem vida,
Haste sem flor,
Fôlha caída
Do meu amor!

MELANCOLIA

Oh doce luz, oh lua !
Que luz suave a tua,
E como se insinua
Em alma que flutua
De engano em desengano !
  Oh criação sublime !
A tua luz reprime
As tentações do crime,
E á dor que nos oprime
Abre-lhes um oceano !

É êsse céu um lago,
E tu, reflexo vago
De um sol, como o que eu trago
No seio onde o afago,
No seio onde o apérto ?
  Oh luz órfã do dia !
Que mística harmonia
Há nessa luz tão fria,
E a sombra que me guia
Neste areal deserto ?

Embora as nuvens trajem
De dia outra roupagem,
O sol, de que és imagem,
Não tem essa linguagem
Que encanta, que namora !
  Fita-te a gente, estuda,
Sem mêdo que se iluda,
Essa linguagem muda . . .
O teu olhar ajuda . . .
E a gente sente e chora !

Ah ! sempre que descrevas
A órbita que levas,

Confia-me o que escrevas
De quanto vês nas trevas,
Que a luz do sol encobre . . .
  As vítimas, que escutas,
De traças mais astutas
Que as dessas feras brutas . . .
E as lástimas, as lutas
Da órfã e do pobre!

LEMBRAS-ME

Se ao enlaçá-la no peito
Me cai desfeita uma flor,
Lembras-me, sonho desfeito,
Sonho de amor!

Se a borboleta do cálix
De um lírio aos ares se ergueu,
Lembras-me, estrêla dos vales,
Lírio do céu!

Se inda um afecto em mim vive
Entre os que mortos possuo,
Lembras-me, sonho que eu tive,
Lembras-me tu!

HERESTA

— Que mágoa ou que receio
Dos olhos te desata
Êsse colar de prata
No jaspe do teu seio ?

Bem íntima ser deve
A pena que te oprime,
Flor tenra como o vime
E pura como a neve !

« Compunge-te isso, dói-te
Ver esmaltar o cálix
Da erma flor dos vales
O bálsamo da noite ?

Se aos olhos nos afluem
As lágrimas parece
Que a dor nos adormece,
E as mágoas diminuem.

— Heresta ! pois inclina
Na minha a tua face,
Deixa que me repasse
Teu bálsamo, bonina !

Abraça-me, divide
Comigo êsse consôlo !
Enlaça-te ao meu colo
Como ao olmeiro a vide !

Às vezes também quando
Os olhos se me estendem
Às luzes que se acendem
No templo venerando ;

Tão íntima saudade,
Tão íntimo desejo
De um mundo que não vejo,
Me inspira a imensidade,

Que o pranto se aglomera
Na pálpebra onde morre . . .
Sim, gela-se, não corre,
Tal é a dor que o gera!

« É Deus que a si te aspira,
É Deus que ao céu te chama;
Que em tudo amor derrama,
A tudo amor inspira!

Canta-o o Justo, o Santo!
E a flor que o campo adorne
Turíbulo se torne
Ouvindo o doce canto.

— Inspira-o, pois, inspira,
Virgem de intacto pejo!
Seja um teu riso o arpejo,
E um teu cabelo a lira!

« O sol já da montanha
Nos disse adeus! adeus!
E a cúpula dos céus
Ficou pálida e estranha.

E aquela que a bondade
De Deus em si reflecte,
Emquanto ao sol compete
Mostrar-lhe a majestade,

À luz extrema de hoje
Ergueu lívida a face
Com mêdo que avistasse
Quem busca, e de quem foge!...

Fluxo e refluxo eterno
De alma contraditória,
Que após contínua glória
Anda em contínuo inferno!

Poeta! é cópia tua,
Suplício igual te inquieta!
Mas que alma de poeta
Teu seio arqueia, oh lua?

Amor! amor como êste,
Visão tímida e casta,
Em giro eterno arrasta
A lâmpada celeste!

Como êsse que a desoras
A ti te ergue a cabeça
E aos ermos te arremessa
Em busca do que adoras.

Mas ah! pálido globo!
É pio de ave nocturna?
Eco em alguma furna
Do uivo dalgum lôbo?

Oiço uma voz... escuta:
É ela a voz que se ouve,
Ou monge que inda louve
A Deus dalguma gruta!

Quem lá em baixo à escarpa
De um íngreme penedo
No trémulo arvoredo
Entorna os sons de uma harpa?

— É ela, a minha Heresta,
A minha branca ermida
Do ermo desta vida
Mais erma que a floresta?

Ah ! vulto meu querido !
A que ergue ela o seu braço ?
És tu ? . . . Vai, cruza o espaço,
Minha alma, num gemido !

Tu, lua, que no vale
De Aialon paraste,
Já viste em sua haste
Suspenso lírio igual ?

Não é, não é mais bela
A rosa entre os abrolhos,
Nem há como os seus olhos
No céu nenhuma estrêla !

E à luz de uma alvorada
Apenas desabrocha,
Nos ângulos da rocha
Vê-la despedaçada !

Vós, lôbos ! ide em bando,
Trepai pelo rochedo,
Uivai, metei-lhe mêdo,
Levai-a recuando !

Que faz quem se aproxima
De um precipício, diz-mo?
Que buscas tu no abismo
Se o céu é lá em cima?...

« Não tarda muito, creio,
Que acabe esta ânsia nossa,
E Deus unir-nos possa
No seu eterno seio!

É lá que a alma fala,
Lá que o amor se mede,
Que em brilho o sol excede,
E em glória a Deus iguala!

Na nuvem do futuro
Teus vagos olhos prega!
Depois de noite negra
Vem sempre um céu mais puro!»

E agora se o desejo
Te satisfiz, em prémio
De um canto de alma gémeo,
Um gémeo e doce beijo!

FRAGMENTO

Vejo em sonhos vaporosos
Uma imagem fugitiva
De uns olhos tão saüdosos
Que me cativa!

Cativa-me aquela graça
De um coração magoado
A ponto que me não passa
Mesmo acordado!

Formam aqueles cabelos
De um vago reflexo louro
Mais esplêndidos novelos
Que as nuvens de ouro!

Aqueles pés são de prata,
E aquele corpo indolente
É um quadro que arrebata
De encanto a gente!

Aqueles lábios intentam
Fingir um sorriso, emquanto
Duas lágrimas rebentam
De íntimo pranto!

E cada lágrima forma
Como uma estrêla cadente
Que no colo se transforma
Sùbitamente . . .

. . . . . .

MARGARIDA

Oh ! que formosos dias, Margarida,
Êsses da tua vida ;
E que nublados
Meus dias desgraçados !

Nasci também assim risonho e meigo ;
Mas hoje apenas chego
O cálix da ventura
À bôca ansioso,
Torna-se a água impura
E o líquido que bebo
Venenoso !
Sim. venenoso o líquido que bebo.
Nem eu concebo
Como Deus me criasse
Para tormento eterno ;

Êle que tão afável, meigo e terno
Te beija a ti a face
E te embala no colo, Margarida,
A mim dar-me esta vida! . . .

Mas vejo à sombra de altos edifícios
Miudíssimas flores
De tão subtis e delicadas côres
Que se o sol lhes chegasse
Talvez que nem resquícios
Lhes ficasse.
Com uma dessas asas estendida
Me tapavas tu todo;
E dêsse modo
Com êsse escudo,
Eu ria-me de tudo
E levava esta vida alegremente!
Tenho essa fé!

Vejo também a flor que nasce ao pé
De água corrente
Ir tão suavemente
Levada pela água!

Talvez até sem mágoa!
De deixar sua mãe.
Dêsse modo também,
Amparando-me tu a mim nos braços,
Eu seguia-te os passos
Fôsse por onde fôsse,
E desta sorte
Até a morte
Me seria doce!

ENCANTO

Passavas como rainha,
E eu, que andava como morto,
Parece-me que me sustinha
No ar em êxtase, absorto...
É ela, dizia eu,
A minha estrêla do céu!

Passavas lançando em tôrno,
Como a lua em noite amena,
Aquele olhar doce e morno

Que me dava gôsto e pena...
Pena de não ser só meu
Êsse reflexo do céu!

Mal sabes como em nossa alma,
À luz de uns olhos que atraem,
A tempestade se acalma
E as nuvens negras se esvaem!
Como a luz de um olhar teu
É uma bênção do céu!

De tal maneira me encanta,
Que até andei, por exemplo,
Contigo a Semana Santa,
Sem saber, de templo em templo...
Depois é que me ocorreu
Que êsse olhar era do céu!

Nesse traje austero e grave,
Toda de preto, era um gôsto
Ver não sei que luz suave
A banhar-te as mãos e o rosto...
Era a luz, suponho eu,
Que banha os anjos do céu!

Se um dia, estrêla dos Magos,
Me abandonares na vida,
Deixa-me uns reflexos vagos
Como de estrêla caída...
Ao menos verei no céu
Rasto da estrêla que ardeu!

DESDÉM

Dispensavas-me em tempo alguns olhares
Que eu escondia n'alma com receio
De que alguém suspeitasse o meu tesoiro :
Trazia-os mais guardados no meu seio,
Do que tu ao pescoço as jóias de oiro !

Quantas vezes ungi os meus pesares,
E aliviei o coração magoado
Nessas caras memórias, recordando
As circunstâncias mínimas de quando
Êste ou aquele olhar me era lançado !

Agora tu desprezas-me, porquê...
Um amor ideal é sempre fútil!
Nessas rasgadas pálpebras apenas
Contemplo hoje as lâmpadas serenas
De um santuario fúnebre... Expirei
Para o teu coração como ente inútil!

. . . . . .

A que nivel moral não desce a gente,
Alma filha de Deus, neste ambiente!

MALMEQUER

Talvez em eu morrendo a teus ouvidos
Chegue a notícia, que hoje os factos voam,
E oiças então os íntimos gemidos
Que exalo e te não soam.

Talvez então, embora me não ames,
Com êsses olhos húmidos de fito
Na minha sombra: «Desgraçado! (exclames;)
Amava-me, acredito.

Levou a vida amando-me: que prova
Me podia alguém dar de mais ternura?
Ingrata como eu era! Abri-lhe a cova,
Cavei-lhe a sepultura!

Hei-de regá-la de meu pranto. Julgo
Do meu dever agradecer-lhe agora!
Purificar-me em lágrimas! O vulgo
Que me censure embora.

Hei-de ir dispor um pé de saüdade
Na terra onde êle descansou da lida;
Mostrar-lhe amor, mostrar-lhe piedade,
Que não mostrei em vida! »

Se fôres, meu amor! uma perpétua,
E uma saudade ser-me-ia doce!
Mas só perpétua ou saüdade aceito-a,
E um malmequer que fôsse!

ADEUS

Adeus tranças côr de oiro,
Adeus peito côr de neve!
Adeus cofre onde estar deve
Escondido o meu tesoiro!

Adeus bonina, adeus lírio
Do meu exílio de abrolhos!
Adeus, oh! luz dos meus olhos
E meu tão doce martírio!

Adeus meu amor perfeito,
Adeus tesoiro escondido,
E de guardado, perdido
No mais íntimo do peito.

Desfeito sonho doirado,
Nuvem desfeita de incenso
Em quem dormindo só penso,
Em quem só penso acordado!

Visão sim, mas visão linda,
Sonho meu desvanecido!
Meu paraíso perdido
Que de longe adoro ainda!

Nuvem que ao sôpro da aragem
Voou nas asas de prata,
Mas no lago que a retrata
Deixou esculpida a imagem!

Rosa de amor desfolhada
Que n'alma deixou o aroma,
Como o deixa na redoma
Fina essência evaporada!

Gota de orvalho que o vento
Levou do cálix das flores,
Curto abril dos meus amores,
Primavera de um momento!

Adeus sol, que me alumia
Pelas ondas do oceano
Desta vida, dêste engano,
Dêste sonho de um só dia!

No mesmo arbusto onde o ninho
Teceu a ave inocente,
Se volta a quadra inclemente,
Acha abrigo o passarinho;

Mas eu nesta soledade
Quando em meus sonhos te estreito
Rosto a rosto, peito a peito,
Acordo e acho a saudade!

Adeus pois morte! adeus vida!
Adeus infortúnio e sorte!
Adeus estrêla do norte!
Adeus bússola perdida!

MARINA

APARIÇÃO

Como êsse olhar é doce!
Doce da mesma sorte
Como se nunca fôsse
Toldado pela morte:

Como se alumiasse
O sol ainda em vida
As rosas dessa face...
Agora emmurchecida!

Colhesse-as eu mais cedo,
E logo que alvorece...
Já não tivesse mêdo
Que a terra m'as comesse!

Mas pura como a neve
Que às vezes cai na serra,
É que a nossa alma deve
Também voar da terra.

Gelasse a morte fria
A mão profanadora
Que te ennublasse um dia
A luz que dás agora !

É nessa côr tão linda,
Rosa da madrugada !
Que sinto a alma ainda
Andar-me enfeitiçada !

Se um dia nos meus braços
Te desbotasse as côres,
Passavam os abraços . . .
Passavam os amores !

Oh ! não : mil vezes antes
No céu lá onde habitas,
E os rápidos instantes
Que vens e me visitas,

Neste degrêdo nosso,
Que tanta gente estima,
E eu, só porque não posso,
Não largo e vou lá cima!

Vem tu cá baixo, abala,
Deixa em podendo o colo
Tão terno que te embala,
E vem-me dar consôlo!

Como essa imagem pura
Ah! sobrevive ao nada
E escapa à sepultura,
Tão fresca e perfumada!

Nunca uma noite eu deixe
De estar a ver que existes,
Emquanto me não feche
O sono os olhos tristes;

E nesse largo espaço
Que te não vejo, espero
Lhe contes o que eu passo
Neste áspero destêrro;

Que assim que te não veja
É noite fria e escura,
Noite que mete inveja
À mesma sepultura !

SAUDADE

Em acordando agora,
O meu contentamento . . .
É ver em cada aurora
Um dia de tormento

Pudesse eu dar-te a prova
Dos dias que me esperam,
Lançando-me na cova
Onde êles te puseram !

Lançassem-me algum dia
Ao pé, que de repente
O coração te havia
De ainda pular quente ;

A face cobrar logo
A forma e côr perdida,

E a bôca toda fogo
Ah ! inspirar-me a vida !

Suplica, ó anjo ! implora
Ao Pai universal
Que me deixe ir embora
Dêste horroroso vale

De lágrimas amargas
E turvas de tal modo,
Como umas nuvens largas
Que tapam o céu todo !

ETERNIDADE

Inferno e céu conforme
A nossa fé, confesso
Que é um mistério enorme,
É um mistério imenso . . .

Mas um mistério é tudo :
Folhinha de erva e estrêla,
Não há compreendê-la !
É contemplá-la mudo.

E a erva como existe,
A mim quem m'o diria,
Se a luz que me alumia
Nem sabe em que consiste?

Mas uma coisa sabe
O que a cabeça ignora
— O coração... que mora
Em peito onde não cabe!

Há uma luz mais clara
Que a luz do pensamento:
A dessa imagem cara...
A dêste sentimento!

... 21 DE SETEMBRO

Há uma hora ou mais,
Marina! que contemplo
A casa de teus pais
Que é para mim um templo.

Está a porta aberta,
E vejo alumiada

A parte descoberta
Da casa da entrada.

Lá andam a passar
Do quarto onde acabaste
À casa de jantar
Os vultos que deixaste

Os vultos, que os vestidos
Tão negros que puseram.
De luto tão compridos,
Não sei que ar lhes deram!

A tua bela irmã,
A tua Piedade,
A rosa da manhã,
A flor da mocidade,

Quem lhe diria a ela.
Tão cheia de alegria,
Que havíamos de vê-la
Assim já hoje em dia!

É esta vida um mar...
E bem se pode a gente,
Marina! comparar
A rápida corrente,

Que vai de lado a lado
Por êsses vales fora
Sem nunca lhe ser dado
Ter a menor demora:

Pára quando a engole
Aquele mar sem fundo;
Nem pára; é como o sol
E como todo o mundo...

Aí não pára nada,
Tudo viaja e anda,
Que a ordem lhe foi dada,
E dada por quem manda.

Chega a corrente lá,
Engole-a logo a onda:
Depois, que é dela já?
A nuvem que responda;

Que a nuvem que nos passa
Pela manhã nos ares,
Era ontem a fumaça
Que andava nesses mares ;

E a névoa que tu vês
Nas ondas flutuantes,
Corria-nos aos pés
Talvez um dia antes.

A água é que no giro
Em que anda eternamente
Não deu nunca um suspiro
Em prova de que sente . . .

. . . . . .

A VIDA

Così trapassa, al trapassar d'un giorno,
Della vita mortale il fiore e 'l verde,
Nè, perchè faccia indietro april ritorno,
Si rinfiora ella mai, nè si rinverde.

TASSO.

Foi-se-me pouco a pouco amortecendo
A luz que nesta vida me guiava,
Olhos fitos na qual até contava
Ir os degraus do túmulo descendo.

Em se ela anuveando, em a não vendo,
Já se me a luz de tudo anuveava;
Despontava ela apenas, despontava
Logo em minha alma a luz que ia perdendo.

Alma gémea da minha, e ingénua e pura
Como os anjos do céu (se o não sonharam...)
Quis mostrar-me que o bem, bem pouco dura!

Não sei se me voou, se m'a levaram;
Nem saiba eu nunca a minha desventura
Contar aos que inda em vida não choraram...

Ah! quando no seu colo reclinado,
Colo mais puro e cândido que arminho,
Como abelha na flor do rosmaninho
Osculava seu lábio perfumado;

Quando à luz dos seus olhos (que era vê-los
E enfeitiçar-se a alma em graça tanta!)
Lia na sua bôca a Bíblia santa
Escrita em letra côr dos seus cabelos;

Quando a sua mãozinha pondo um dedo
Em seus lábios de rosa pouco aberta,
Como tímida pomba sempre alerta
Me impunha ora silêncio, ora segrêdo;

Quando, como a alvéola, delicada
E linda como a flor que haja mais linda,
Passava como o cisne, ou como ainda
Antes do sol raiar nuvem doirada;

Quando em bálsamo de alma piedosa
Ungia as mãos da súplice indigência,
Como a nuvem nas mãos da Providência
Uma lágrima estila em flor sequiosa;

Quando a cruz do colar do seu pescoço
Estendendo-me os braços, como estende
O símbolo de amor que as almas prende,
Me dizia . . . o que às mais dizer não ouço ;

Quando, se negra nuvem me espalhava
Por sôbre o coração algum desgôsto,
Conchegando-me ao seu cândido rosto
No perfume de um riso a dissipava ;

Quando o oiro da trança aos ventos dando
E a neve de seu colo e seu vestido,
Pomba que do seu par se ia perdido,
Já de longe lhe ouvia o peito arfando ;

Quando o anel da bôca luzidia,
Vermelha como a rosa cheia de água,
Em beijos à saudade abrindo a mágoa,
Mil rosas pela face me esparzia ;

Tinha o céu da minha alma as sete côres,
Valia-me êste mundo um paraíso,
Destilava-me a alma um doce riso,
Debaixo de meus pés nasciam flores !

Deus era inda meu pai ; e emquanto pude
Li o seu nome em tudo quanto existe,
No campo em flor, na praia árida e triste,
No céu, no mar, na terra e . . . na virtude !

Virtude ! Que é mais que um nome
Essa voz que em ar se esvai,
Se um riso que ao lábio assome
Numa lágrima nos cai !

Que és, virtude, se de luto
Nos vestes o coração ?
És a blasfêmia de Bruto :
Não és mais do que um nome vão !

Abre a flor à luz, que a enleva,
Seu cálix cheio de amor,
E o sol nasce, passa e leva
Consigo perfume e flor !

Que é dêsses cabelos de oiro
Do mais subido quilate,

Dêsses lábios escarlate,
Meu tesoiro !

Que é dêsse hálito que ainda
O coração me perfuma !
Que é dêsse colo de espuma,
Pomba linda !

Que é duma flor da grinalda
Dos teus doirados cabelos !
Dêsses olhos, quero vê-los,
Esmeralda !

Que é dessa franja comprida
Daquele chaile mais leve
Do que a nuvem côr de neve,
Margarida !

Que é dessa alma que me deste,
De um sorriso, um só que fôsse,
Da tua bôca tão doce,
Flor celeste !

Tua cabeça que é dela,
A tua cabeça de oiro,

Minha pomba ! meu tesoiro !
Minha estrêla !

De dia a estrêla de alva empalidece ;
E a luz do dia eterno te há ferido !
Em teu lânguido olhar adormecido
Nunca me um dia em vida amanhecesse !

Foste a concha da praia ! A flor parece
Mais ditosa que tu ! Quem te há partido,
Meu cálix de cristal onde hei bebido
Os néctares do céu . . . se um céu houvesse !

Fonte pura das lágrimas que choro,
Quem tão menina e moça desmanchado
Te há pelas nuvens os cabelos de oiro !

Some-te, vela de baixel quebrado !
Some-te, voa, apaga-te, meteoro !
É só mais neste mundo um desgraçado !

E as desgraças podia prevê-las
Quem a terra sustenta no ar,

Quem sustenta no ar as estrêlas,
Quem levanta às estrêlas o mar.

Deus podia prever a desgraça,
Deus podia prever e não quis!
E não quis, não... se a nuvem que passa
Também pode chamar-se infeliz!

A vida é o dia de hoje,
A vida é ai que mal soa
A vida é sombra que foge,
A vida é nuvem que voa;
A vida é sonho tão leve
Que se desfaz como a neve
E como o fumo se esvai:
A vida dura um momento,
Mais leve que o pensamento,
A vida leva-a o vento,
A vida é fôlha que cai!

A vida é flor na corrente,
A vida é sôpro suave,
A vida é estrêla cadente,

Voa mais leve que a ave:
Nuvem que o vento nos ares,
Onda que o vento nos mares,
Uma após outra lançou,
A vida — pena caída
Da asa de ave ferida —
De vale em vale impelida
A vida o vento a levou!

Como em sonhos o anjo que me afaga,
Leva na trança os lirios que lhe pus,
E a luz quando se apaga
Leva aos olhos a luz!

Levou sim, como a fôlha que desprende
De uma flor delicada o vento sul,
E a estrêla que se estende
Nessa abóbada azul;

Como os ávidos olhos de um amante
Levam consigo a luz de um terno olhar,
E o vento do levante
Leva a onda do mar!

Como o tenro filhinho quando expira
Leva o beijo dos lábios maternais,
E à alma que suspira
O vento leva os ais!

Ou como leva ao colo a mãe seu filho,
E as asas leva a pomba que voou,
E o sol leva o seu brilho . . .
O vento m'a levou!

E Deus, tu és piedoso,
Senhor! és Deus e pai!
E ao filho desditoso
Não ouves pois um ai!
Estrêlas deste aos ares,
Dás pérolas aos mares,
Ao campo dás a flor,
Frescura dás às fontes,
O lírio dás aos montes,
E tiras-m'a, Senhor!

Ah! quando numa vista o mundo abranjo,
Estendo os braços e, palpando o mundo,

O céu, a terra e o mar vejo a meus pés,
Buscando em vão a imagem do meu anjo,
Soletro à froixa luz de um moribundo
Em tudo só : Talvez ! . . .

Talvez ! — é hoje a Bíblia, o livro aberto
Que eu só ponho ante mim nas rochas quando
Vou pelo mundo ver se a posso ver ;
E onde, como a palmeira do deserto,
Apenas vejo aos pés inquieta ondeando
A sombra do meu ser !

Meu ser . . . voou na asa da águia negra
Que, levando-a, só não levou consigo
Desta alma aquele amor !
E quando a luz do sol o mundo alegra,
Crisálida nocturna a sós comigo,
Abraço a minha dor !

Dor inútil ! Se a flor que ao céu envia
Seus bálsamos se esfolha, e tu no espaço
Achas depois seus átomos subtis,
Inda hás-de ouvir a voz que ouviste um dia . . .

Como a sua Leonor inda ouve o Tasso...
Dante, a sua Beatriz!

— Nunca! responde a fôlha que o outono,
Da haste que a sustinha a mão abrindo,
Ao vento confiou;
— Nunca! responde a campa onde do sono
E quem talvez sonhava um sonho lindo,
Um dia despertou!

— Nunca! responde o ai que o lábio vibra;
— Nunca! responde a rosa que na face
Um dia emmurcheceu:
E a onda que um momento se equilibra
Emquanto diz às mais: Deixai que eu passe!
E passou e... morreu!

RAQUEL

A D. Candida Nazareth

Por ocasião da morte de sua irmã Raquel e, poucos dias depois, de sua mãe.

Despe o luto da tua soledade
E vem junto de mim, lírio esquecido
Do orvalho do céu!
Tens nos meus olhos pranto de piedade,
E se és, mulher! irmã dos que hão sofrido,
Mulher! sou irmão teu.

Consolos não te dou, que não existe
Quem de lágrimas suas nunca enxuto
Possa as de outro enxugar:
Não pode alívios dar quem vive triste,
Mas é-me doce a mim chorar se escuto
Alguém também chorar.

Botão de rosa murcho à luz da aurora!
Que pecado equilibra o teu martírio
Na balança de Deus?
Se é como justo e bom que êle se adora,
Quem te há mudado a ti, oh! rosa, em lírio,
E em lírio os lábios teus?

Não enche êle de bálsamos o cálix
Da flor a mais humilde, e êsses espaços
Não enche êle de luz?
Não veio o Filho seu, lírio dos vales,
Só por amor de nós pregar os braços
Nos braços de uma cruz?

Mulher, mulher! quando eu num cemitério
Levanto o pó dos túmulos sòzinho:
Eis, digo, eis o que eu sou!
Mas, quando penso bem nesse mistério
Da virtude infeliz: Vai teu caminho;
Dois mundos Deus criou!...

Deus não dispara a seta envenenada
À pombinha, que aos ares despedira,
Com mão traidora e vil;

Imagem sua, Deus não volve ao nada,
Não aniquila a flor que ao chão caíra
Lá dêsse eterno abril!

Hás-de, cisne, expirando alçar teu canto;
Hás-de lá quando a lua da montanha
Te acene o extremo adeus,
Voar, Cândida, ao céu, e ébria de encanto
No oceano de amor que as almas banha,
Unir teu canto aos seus.

Seus delas, mãe e irmã . . . cinzas cobertas
De um só lanço de terra . . . Oh! desventura!
Oh! destino cruel!
Vejo-as ainda ir com as mãos incertas
Guiando-se uma à outra à sepultura,
E a mãe: « Raquel! Raquel! »

Desde então, à janela do ocidente
Te hão-de ver como a bússola em seu norte
Fita pensando . . . em quê?
Oh! não nos vôes também, pomba inocente!
É grande a eternidade e é certa a morte:
Espera, vive e crê!

ULTIMO ADEUS

Prestes, se ainda a rocha de granito
Donde em tempo me vias te elevares,
Não olhes para a terra ou para os mares,
Olha sim para o céu, qué é lá que habito.

Lá tão longe de ti, mas não do terno,
Bondoso Pai que os dois nos ha gerado,
Só para mágoas não, que bem guardado
Nos tem também no céu prazer eterno.

Não se é só pó no fim de tanta mágoa!
Senão, diga-me alguem que alivio é êste
Que sinto quando à abóbada celéste
Alevanto os meus olhos rasos de água!

Mentem os céus também?... Os céus maldig
Feras, tigres, também o céu povoam ?
Também os lábios lá sorrindo coam
Veneno desleal em beijo amigo ?

Mas, na dor é que os astros nos sorriem,
E os homens não sorriem na desdita :
Astros ! fio-me em vós ! E Deus permita
Que os infelizes sempre em vós se fiem.

Intima voz do fundo, bem do fundo
De alma me diz (e as lágrimas me saltam)
Vês os milhões de sóis que o espaço esmaltan
Pisa a terra a teus pés, ainda ha mais mund

Ha depois desta vida ainda outra vida :
Não se reduz a nada um grão de areia,
E havia de a nossa alma, a nossa idéia
Nas ruinas do pó ficar perdida ?

— Isso que pensa e quer (até me admiro !
Isso que a luz nos traz, que a luz nos leva,
Isso que me abre o céu, que ao céu me ele
Num teu cançado olhar, num teu suspiro !

Onde... não sei eu bem, mas sei que êxiste
Deus remunerador. Depois de mortos
Hemos de ver-nos, e um no outro absortos
Fartar de glorias êste amor tão triste.

Tão triste! (E o coração que me advinha?)
Neste suplício nosso, êste tormento
Nunca dos lábios teus mínimo alento
Num só beijo bebi em vida minha!

E morro sem te ver! Cabeça douda,
Desasisado amor! Sonhar aflito
Um sonho até morrer!... Não! resuscito;
Morto tenho eu vivido a vida toda!

Ego dormio, et cor meum vigilat

Bebeste para esquecer
As mágoas do coração ;
Mas êle é que não se esquece,
Êle é que não adormece
Como adormece a razão.

— Eu durmo, diz Salomão ;
Mas durmo exalando ais !
Que o meu coração vigia,
E sente como sentia . . .
Se ainda não sente mais ! —

Não é com vinho que extrais
O veneno dêsse amor...
Apagas o pensamento,
E deixas o sentimento
Sem equilíbrio na dor!

Tais nos fez o Criador,
Que sem a luz da razão
Bem se reclina a cabeça;
Mas embora ela adormeça,
Vela sempre o coração!

AGORA!

A luz que dá o teu rosto
É a luz da madrugada,
Mas vi-a quási ao sol pôsto
De uma vida amargurada . . .
Tão tarde vi o teu rosto!

Oh! se na manhã da vida
Me raia logo essa aurora,
Quanta fôlha e flor caída
Me embelezara inda agora
O triste arbusto da vida!

Mas andei sempre às escuras...
Por onde nem se lobriga
Luz de estrêla nas alturas,
Quanto mais em face amiga...
Eu andei sempre às escuras!

E agora vendo a beleza
Dessa luz que me alumia,
Não sei se a minha tristeza
É mais que a minha alegria...
Vendo agora essa beleza!

ESTRÈLA

Estrêla que me nasceste
Quando a vista mal te alcança
Nessa abóbada celeste,
Onde a nossa alma descansa
A sua última esperança . . .
Estrêla que me nasceste
Quando a vista mal te alcança !

Antes nascesses mais cedo,
Estrêla da madrugada !
E não já noite cerrada . . .
Que até no céu mete medo
Ver essa estrêla isolada . . .
Antes nascesses mais cedo,
Estrêla da madrugada !

BOTÕES DE ROSA

Trazeis-me rosas ; de onde as heis trazido,
Boa velhinha e minha boa amiga ?
Rosas de inverno ? permiti que o diga,
Sois feiticeira ! de onde as heis colhido ?

Na primavera de meus anos, olho,
Mas vejo abrolhos e não vejo flores ;
E vós colhê-las, como as eu não colho . . .
Sois feiticeira — enfeitiçais de amores !

Enfeitiçais, que a formosura, crede,
Não vem da face aveludada e bela ;
A formosura vem só d'alma ; é dela
Que brota a fonte que nos mata a sêde.

Vós sois velhinha, já não tendes côres
Que o rosto animem e que os olhos prendam,
Mas tendes prendas que o amor acendam,
Tendes ainda no inverno . . . flores!

Pois eu vos digo: que por êste mimo,
Estes dois gémeos inda tão pequenos,
Daria eu tudo que se vê do cimo
Dessa montanha que domina os reinos;

Donde eu olhara para a terra, e vira . . .
Vira a meus pés o sedutor do inferno:
Mas sendo eu barro . . . que é do bafo eterno
Que o barro anima, que o sentir inspira? . . .

ANSEIO

Oh ! quem me dera embalado
Nesse berço vaporoso,
Nuvens do céu azulado...
Onde os meus olhos repouso
Já de tanto olhar cansado !

De tanto olhar à procura
De um bem que o fosse deveras ;
De uma paz, uma ventura,
Dessas venturas sinceras,
Se as pode haver sem mistura.

Mas há, sem dúvida : creio
Neste desejo entranhável !
Há-de haver um rosto, um seio
De amor e gôzo inefável
Donde mesmo êste amor veio !

Èste amor que a vós me prende,
Nuvens do ceu azulado !
E a vós, lâmpadas, que acende
Depois do sol apagado
Quem . . . de Quem tudo depende !

A MINHA MÃE

Pátria, berço de amor que a alma embala
Emquanto a luz vital nos ilumina,
E onde só descansado se reclina
Quem longe dela dor contínua rala . . .

Se nessa essência, mãe, que a flor exala,
Na essência de uma flor dessa colina,
Vês lágrima de amor que dentro a mina
Com saudades de quem do céu lhe fala :

Se quando, o céu buscando, o fumo ondeia
Quando êsse vale o sol deixa indeciso,
Vês como fumo e flor aspira, anseia

Um pai, um Deus, um céu, um paraíso,
Ah ! tendo eu tudo, tudo em minha aldeia,
Vê tu se lábio meu desfolha um riso !

DE
ANTERO DE QUENTAL

Fumo e scismo. — Os castelos do horizonte
Erguem-se à tarde, e crescem, de mil côres;
E ora desmaiam, ora em mil ardores
Se incendeiam . . . vulcões de estranho monte.

Depois, que formas vagas vem defronte,
Que parecem scismar loucos amores!
Almas que vão, por entre luz e horrores,
Passando a barca dêsse aéreo Aqueronte!

Apago o meu cigarro quando apagas
Teu facho, ó sol, — ficamos todos sós; —
E nesta solidão que me consumo . . .

Ó vós, nuvens da tarde! ó coisas vagas!
Bem vos entendo a côr . . . pois, como a vós
Beleza e Altura se me vão em fumo!

RESPOSTA

Em fumo se vai tudo, amigo : olhando
Para as nuvens do céu, nuvens daquelas,
E até não sei se diga que mais belas
Anda a gente fazendo e desmanchando !

Dá-me uma saüdade em me lembrando
Do belo tempo que passei com elas
Por essa imensa abóbada de estrêlas,
Por êsse mar de fogo viajando !

Andasse ainda eu lá, que não me havia
De ver por estes charcos atolado,
Onde nem sol nem lua me alumia !

Andasse ainda eu lá, desenganado
Mesmo já como estou de achar um dia
A pátria de onde eu ando desterrado !

NA CAMPA DE ANTERO

Aqui . . . jaz pó ; eu não ; eu sou quem fui.
Raio animado dessa Luz celeste,
À qual a morte as almas restitui,
Restituindo à terra o pó que as veste.

O LIVRO DE AMOR MÍSTICO

AMOR MÍSTICO

Quando a minha alma nasceu
Para onde olhou primeiro,
E viu tudo um nevoeiro.
Foi lá cima para o céu . . .
  Que a alma nunca lhe passa
De idea a fonte da graça!

Em toda a ânsia de luz.
Em toda a ânsia de gôzo.
Sempre aquele olhar ansioso
Nesse ideal de Jesus . . .
  Nesse bem que não se exprime . . .
Êxtase de amor sublime!

Olhava da solidão,
Onde se sentia presa,
Com a natural tristeza
Dos ferros de uma prisão . . .
À espera sempre da hora
Que lhe raiasse a aurora !

Bem a chamavam de cá
Sempre os cuidados do dia ;
Ela, que nunca os ouvia,
Olhava, mas para lá . . .
Donde ela mesma viera,
Donde todo o bem se espera !

Um dia (nem eu sei qual,
Que em suma foi isso há tanto !)
Vê com uns olhos de espanto
Romper-se a névoa geral ;
E como um sol recortado
Nesse mar ennevoado . . .

E dentro dêsse clarão,
Como em círculo de prata.
Que imagem se lhe retrata,

Fôsse verdade ou visão?
A mesma que ela apertava
Nos braços quando sonhava.

Mas a visão, em lugar
De vir cair-lhe nos braços,
Voa por êsses espaços
Até já mal se avistar . . .
Indo assim a luz minguando
E indo-se a névoa cerrando!

E hoje a minha alma, não sei
Se nessa névoa cerrada
Vê tal visão embrulhada
Ou nem já vestígios vê . . .
Sei que se ainda me anima,
E de olhos fitos lá cima.

DEUS ?

uem me terá trazido a mim suspenso,
tónito, alheado . . . ou a quem devo,
nfim, dizer que em nada mais me enlevo,
ninguém mais do coração pertenço ? . . .

: desço ao vale, ao alcantil me elevo,
uem é que eu busco, em que será que eu penso ?
s tu memória de horizonte imenso
ue me encheu alma de um eterno enlevo ? . . .

gues-me sempre . . . e só por ti suspiro !
ejo-te em tudo . . . terra e céu te esconde !
unca te vi . . . cada vez mais te admiro !

unca essa voz à minha voz responde . . .
eco fiel até do ar que aspiro,
nto-te o hálito ! . . . em minha alma ou onde ?

LAMENTO

Senhor, Senhor, que um ai nunca me ouviste
Na minha dor!
Ai! vida, vida minha, como és triste!
Senhor, Senhor!

Quando eu nasci o sol cobriu o rosto,
Mal que eu o vi;
Tingiu-se o céu de sangue, e era sol-pôsto
Quando eu nasci!

Pela manhã a rosa era mais alva
Que a alva lá!
E o cravo desmaiou à estrêla de alva,
Pela manhã!

Ao longe o mar se ouviu, leão piedoso,
Um ai soltar ;
Pelas praias se ouviu gemer ansioso,
Ao longe o mar !

Ninguém as viu cair, ondas de espuma
Que o chão sumiu ;
E as lágrimas caíam-me uma a uma,
Ninguém as viu !

Oh ! rouxinol, a ti nasce-te o dia
Ao pôr do sol !
Mostre-me a campa a luz que te alumia,
Oh ! rouxinol !

MARGARIDA

Se a alma é imortal, mulher, conforme
Proclama a consciência, emfim já gozas;
Senão, descansa que era tempo; dorme.

Deus não havia de pintar as rosas
Da tua face com tamanho esmero,
Esculpir-te essas formas graciosas,

Dar-te uns olhos que ainda considero
O mais puro cristal de uma alma pura,
Para desgraça tua. Creio e espero

Verificar ainda que a tortura
Desta vida passou, e ao pranto amargo
Te sucedeu o riso da ventura.

A terra que é? um ponto: vasto, largo,
Imenso, eterno, o espaço onde me afundo
À proporção que o pensamento alargo...

Eu mergulho no mar, e vejo o fundo;
Mal avisto a abóbada dos céus:
Sim meço a terra, mas não meço o mundo:

Onde eu acabo principia Deus!
É curta a vista, curto o horizonte,
Passado o qual, aos olhos dos ateus.

Ergue no céu a luminosa fronte
A lâmpada da Fé, onde a nossa alma
Vai, como a corça a solitária fonte,

Matar a sêde que mais nada acalma.

LUZ DA FÉ

Tu, sol ! já não me alegras
Como alegravas, não :
Vós, sim, oh nuvens negras,
Relâmpago e trovão !

Quando o trovão me aterra,
Recordo-me de Deus ;
Abalo cá da terra
E vou por êsses céus :

E lá nessas alturas,
Por onde só a fé
Em regiões tão puras
Nos deixa tomar pé ;

Voar, pairar nos ares
Como uma àguia cá,
De lá só vejo os mares,
E é porque a luz lhes dá.

O mais, como se apanha
E empolga com a mão,
Seja a maior montanha,
Seja a maior nação;

O mais fica no fundo
Dêsse infinito mar;
O mais pertence ao mundo...
É escusado olhar.

Deus deixa às criaturas
Cá baixo a sua cruz,
E fecha as almas puras
Num círculo de luz:

As chagas, as misérias
Cá dêste lamaçal,
Nas regiões etéreas,
Lá não se avista tal.

É só a luz que foge,
Mais uma irmã que tem
— A alma — que até hoje
Não a prendeu ninguém,

São essas duas luzes
(Qual delas tão subtil
Que às fôrcas e às cruzes
Do déspota mais vil.

Se escapam de tal modo
Que é de os fazer raivar)
Cá dêste mundo todo
O que se vê brilhar!

Porque uma e outra aspira
Contìnuamente ao céu,
A alma que suspira,
E a luz que Deus nos deu.

Porque uma e outra é pura,
Perpétua e imortal;
E a sua formosura,
Não há nenhuma igual.

Quem é, oh luz formosa,
Oh minha bela irmã,
Quem é que faz a rosa
Abrir pela manhã ?. . .

Eu amo-te e (as trevas
Não têem esplendor !)
Tu só é que me levas
O tempo e o amor !

Mas eu estimo o raio
E gosto do trovão,
Por ver que quando caio
É que me elevo então.

Por ver que em tendo mêdo
Mais se me aviva a fé ;
E a fé, não ha rochedo
Firme como ela é !

Por cima da desgraça
Ou seja do que fôr,
Ela não olha, passa
De fito no Senhor !

A essa luz divina,
Oh luz! é que tu és
Tão pura e cristalina
Como o Senhor te fez!

Por isso a noite escura...
Ah! se eu a preferi
À tua luz tão pura,
É por amor de ti!

NO LEITO NUPCIAL

Dorme, estátua de neve,
Vergôntea de marfim!
Tocar que ímpio se atreve
No que é sagrado assim?

Dois são: o mais, mistério
Vedado à terra: Deus
Talvez do sólio etéreo
Nem baixe os olhos seus;

Respeita-os, tapa-os como
Japhet e Sem, o pai:
Pende, sagrado pomo!
A vista ergue-se e cai...

Ergue-se e cai conforme
A lei que o manda assim.
Ergue-se e . . . Dorme, dorme,
Vergôntea de marfim !

Cerca-te o leito aéreo
Delgado e raro véu ;
E a estranhos . . . que mistério,
Ebúrnea flor do céu !

Mas dize : o espelho a imagem
Te estampa mal te vê :
Beija-te o seio a aragem,
Doira-te o sol : por quê ? . . .

Não segue acaso a sombra
Teu corpo sempre, flor ?
E pois por que te assombra
Meu insensato amor ?

Às vezes passas trémula
Como sagrada luz,
E os olhos dizem : Vêmo-la
Como no alto a cruz !

Teu lábio um dia aromas
No seio meu verteu,
E em sonho inda me assomas,
Doce visão do céu!

E quando a estrêla treme
E a aurora abrindo vem,
Inda em ti pensa e geme
Por ti no mundo alguém.

Perdoa se isto exprime
Maldade aos olhos teus;
Perdoa-me se é crime...
Amo também a Deus.

E à tarde quando o albergue
No solitário vale
Incenso queima e se ergue
De Abel o fumo igual;

Da pomba solta o vôo,
Baixa-me um olhar teu
E dize-me: Perdôo;
Sim, tudo aspira ao céu!

Em prémio íntima gota
De âmbar do coração,
De Deus se é digna dou-t'a
Em prémio do perdão!

A mais não posso eu, triste,
Nunca aspirar, nem pude...
Vergôntea, que partiste
As cordas do alaúde!

Mas se inda o mel que vasa
Teu lábio, flor! me ungisse,
Ou pena da tua asa
Em minhas mãos caísse,

A ave harmoniosa
No ombro poisar-me-hia
E assomar-se-hia a rosa
Ao nome de... Maria!

LOAS

À SENHORA DO CABO

NO CÍRIO DO ALMARGEM

Recitadas por anjos alternadamente

AO RECEBER A BANDEIRA

Quem a Mãe do Céu adora,
Avalia o que se passa
Em vossas almas agora.
  Todos assentámos praça
E prestámos juramento
À Virgem cheia de Graça.
  Por isso neste momento
Como irmãos tomamos parte
No profundo sentimento
  Que vos deixa este estandarte.

RECEBIDA A BANDEIRA

Vai renascer a aurora
Que as nossas almas banhava
Numa luz consoladora!
De cá onde ela raiava,
Lá ao longe reflectia
A suave luz que dava.
Não é como a luz do dia,
Como a luz do sol que passa;
Ela a todos alumia,
A Virgem cheia de Graça!

Mas quando os céus escurecem,
Quando os astros se nos somem,
Sempre os olhos esmorecem.
Oh Mãe de Deus e do homem,
Que tomais tamanha parte
Nas mágoas que nos consomem;
Tesouro donde reparte
Os seus dons a Divindade!
Quem há que de vós se aparte
E resista à saüdade!

Maria ! Maria !
Celeste harmonia !
Dos lábios doçura,
Da alma alegria !

Oh Virgem pura !
Mãe de Jesus !
Que a toda a cruz
Acompanhais !

Por que esperais,
Mãe de piedade ?
Ouvi os ais
Da saüdade !

Vinde, Senhora !
Aquele povo
Quer ver de novo
Raiar a aurora !

E vós, donzelas,
Virgens mimosas,
Tecei capelas
De brancas rosas !

Deixai pesares,
Cantai louvores,
Ornai de flores
Os seus altares!

Cândidos lírios,
Ternos martírios
Encham os ares
Do seu aroma;

Que ela, a Rainha,
Prestes caminha,
Prestes assoma
Nesses lugares.

À SAÍDA

De luz se inundem os céus,
Frangem-se as nuvens de ouro
Em honra da Mãe de Deus!
Essa glória, êsse tesouro
Que o Senhor tem a seu lado,
E os anjos cantam em côro!
Aquela que o seu cuidado
É a pobre mãe aflita

E o órfão desamparado.
Virgem Maria bemdita!

Curvai, árvores frondosas,
Até ao chão vossa rama!
Encha-se a estrada de rosas!
Esta é quem o céu proclama
Santa, pura, imaculada!
Que os seus filhos tanto ama!
Incansável advogada
E protectora nos céus
De toda a alma acusada
Lá no tribunal de Deus.

Esta é quem o navegante
Debaixo da tempestade
Chama, invoca suplicante!
Que em toda a necessidade
Nos ampara, nos abriga
No seu manto de piedade!
Que uma palavra que diga
Ao Filho em nosso favor,
Já o Senhor não castiga;
Condói-se do pecador.

NO TRANSITO

Oh jóia primorosa
Da coroa do Senhor!
Oh sempre fresca rosa
De puro e casto amor!

A quem a flor envia
O seu primeiro aroma
Logo ao romper do dia,
Mal a aurora assoma.

Oh imortal aurora
Que céu e terra encanta,
Por quem a rosa chora,
Por quem a ave canta!

A quem por toda a terra,
A quem por todo o mundo,
No píncaro da serra,
No vale o mais profundo,

Foi levantada igreja,
Foi levantado altar,

Que ao longe nos alveja
Como um baixel no mar!

Em ti se abriga a esperança,
Na grande desventura;
Em ti auxílio alcança
O triste que o procura!

Em ti se quebra o encanto
De mal fundado amor!
Em ti se enxuga o pranto
De irreparável dor!

Maria! Maria!
Celeste harmonia!
Dos lábios doçura,
Da alma alegria!

À CHEGADA

Virgem Mãe do mesmo Deus!
Virgem filha de teu Filho!
Não há estrêla de mais brilho
Nesses céus!

De olhar fito nesse olhar,
De olhos fitos nesses olhos,
Não há baixos, não há escolhos
Neste mar!

Vem a onda, sobrevém
Nova onda, e nada teme
Quem te vê guiando o leme,
Virgem Mãe!

Tu guardaste em gôzo e dor
Sempre n'alma a paz de um templo!
Foste em vida o nosso exemplo,
Mãe de Amor!

Navegando, mas de pé
Neste mar cavado embora,
Vou na barca salvadora,
Que é a Fé!

Não me assusta a multidão
De inimigos que me agride!
Contra a *Tôrre de David*,
Tudo é vão!

Por feroz que esteja o mar
De repente forma um lago...
Basta um só reflexo vago
Dêsse olhar!

Êsse olhar é quem a mim
Me encaminha e me socorre!
O meu norte é só a *Tôrre*
De marfim!

Meu farol, refúgio meu!
Sol que dia e noite brilha!
Mãe de Deus, e de Deus filha!
Mãe do Céu!

NO TEMPLO

Salve. Rainha, Mãe
Da paz e da concórdia,
Mãe de misericórdia,
Fonte de todo o bem!

Rainha, nossa *vida!*
Doçura, esperança nossa!

Da mais humilde choça
Aos altos céus querida!

Salve, Rainha eterna
De trono inabalável!
Soberana sempre afável,
Rainha sempre terna!

A vós, *a vós bradamos*
Cá dêstes descampados,
Por onde *os degredados*
Os *filhos de Eva* andamos!

Por vós nestes anseios
De incorportável dor
Ah! *suspiramos* cheios
De saüdade e amor!

Gemendo, e sempre assim
Chorando o nosso mal,
Neste profundo *vale*
De lágrimas sem fim!

Das nuvens, *eia pois*,
Oh *advogada nossa !*
Rompa um clarão que possa
Mostrar-nos já quem sois !

Sim ! *èsses vossos olhos*
Tão *misericordiosos*.
Que tornam os abrolhos
Lírios deliciosos,

A nós volvei, Senhora,
Do céu e mar e terra !
Que todo o bem encerra,
Que todo o mundo adora !

E, se um viver sem luz
Expia tanto êrro,
Depois dêste destêrro
Nos mostrai a Jesus !

Oh Mãe sempre *clemente !*
Oh Mãe sempre *piedosa !*
Mãe sempre carinhosa !
Mãe sempre complacente !

Oh nossa *doce* Mãe!
Oh *Sempre Virgem* pura,
Excelsa criatura,
Fonte de todo o bem!

Maria! a nossa voz
Ouvi-a lá nos céus!
Rogai, *rogai por nós.*
Oh *Santa Mãe de Deus!*

Para que auxiliados
Dessa divina graça,
Nós, filhos da desgraça
E pobre deserdados,

Sejamos, às avessas,
Do mal que nos atrai,
Ah! *dignos das promessas*
De Cristo — Deus e Pai!

ÚLTIMO ADEUS

Fique em silêncio eterno a minha lira ;
Vai, eflúvio de Deus ! Deus te bem fade ;
Nesta alma em teu lugar fica a saudade,
Se a essência sobrevive à flor que expira.

Dizer-te adeus não pude ; quando ocorre
Tal voz ao lábio, o lábio empalidece,
Como a nota de lira nos falece
Ante a lua que cai, e o sol que morre ;

Ante o sôpro que varre o cedro e o vime,
Ante o sublime aspecto do oceano,
Ante a espôsa do Mártir sobre-humano,
Ante tudo que é grande e que é sublime.

Embora: quando a lâmpada crepita,
Já falta de óleo lânguida esvoaça;
A nuvem estala, ruge a onda, e passa...
Guarda silêncio a abóbada infinita.

PÁTRIA

Como o prodigo volta ao lar paterno
Desenganado do que em vão procura,
Eu, já desfalecido nesta lida
De sonhos sôbre sonhos de ventura,
Desejava dormir o sono eterno
Abrindo junto ao berço a sepultura!
Fechar em suma o círculo da vida
No saüdoso ponto de partida!

Chegado pois, Senhor, aquele dia
Que se me apague a luz que me alumia,
Deixai-me descansar onde repousa
Meu santo pai, e sua terna espôsa
— A minha santa mãe!
Ser-me há assim mais leve a fria lousa...
Que a terra onde se nasce é mãe também!

O
CÂNTICO DOS CÂNTICOS
NO
LIVRO DE AMOR

CÂNTICO DOS CÂNTICOS

Para os corações puros tudo é puro.
S. Paulo, a Tito.

I

CHEGADA

A SULAMITE

Tomara já ter o gôsto
De o sentir beijar-me o rosto !

CÔRO DE VIRGENS

E onde há mulher que te exceda ?
Só êsse colo embebeda ;
O aroma que êle exala,
Nenhum bálsamo o iguala.

SEGUNDO CÔRO

O teu nome, falar nele,
Só falar nele é tão doce
Como se um óleo nos fôsse
Deslisando pela pele.

SALOMÃO

Olha como todas elas
Te estimam tanto, as donzelas.

A SULAMITE

Sou tua, leva-me, vamos.

CÔRO

E nós, que te não largamos.
Te iremos correndo atrás
Pelo rasto de perfume
Que deixas por onde vás.
Das pomadas com que dás
No corpo, como é costume.

A SULAMITE

Já el-rei me manda entrar
Para a sala do jantar.

CÔRO

Para saltar de alegria
E festejar êste dia.
A nós basta-nos lembrar
Que êsse teu seio embebeda ;
Nem há mulher que te exceda !

SEGUNDO CÔRO

Quem te vê, seja quem fôr,
Fica bêbado de amor !

A SULAMITE

Sou trigueira mas formosa,
Moças de Jerusalem !
Senão vêde o pavilhão
Que arma em campo Salomão,
Se ha coisa mais preciosa,
E por fora a côr que tem ;
Vêde as barracas dos moiros,

Por dentro tantos tesoiros,
Por fora negras também.
Não vos dê pois isso pena,
Ter assim a côr morena :
Minha mãe mandou-me pôr,
Por culpa dos meus irmãos,
De guarda à vinha ; o calor
Queimou-me o rosto e as mãos :
E eu a vinha, é escusado
Dizer-vos que nem eu tinha
Senão agora o cuidado
De estar a guardar a vinha.

Ah ! para que banda vás
Com o gado, meus amores ?
E pela folga onde estás ?
Bem vês os outros pastores,
E a gente não adivinha :
Eu não hei-de andar atrás
Dêsses rebanhos sòzinha.

SALOMÃO

Ah ! rainha das mùlheres,
Olha como tu te enganas !

Que medo tens das cabanas,
Que medo tens dos rebanhos,
Que medo tens dos estranhos?
Não te dê isso cuidado,
Anda por onde quiseres
Tambem guardando o teu gado;
Em te vendo mesmo só,
Toda a gente se desvia
Como da cavalaria
Dos carros de Faraó.

CÔRO

Dás no rosto certo ar
Daquela graça da rôla
Que até encanta, arrebata!
A garganta podes pô-la
Ao pé do melhor colar.

SEGUNDO CÔRO

Um te havemos de nós dar
De oiro, às pintinhas de prata,
Que é lindo e hás de gostar.

A SULAMITE

Já não sei pelo que aguardo,
Que estando el-rei a jantar
Lhe não entorno por cima
Esta redoma de nardo
Que é um bálsamo de estima.

Mas há outro mais perfeito,
E com o qual me perfumo ;
Eu a mirra que costumo
Trazer aqui em meu peito,
É mesmo aquêle a quem amo !
Nunca apanhei outro ramo
Nem outro alcanfor colhi
Nas hortas dos arredores
Da cidade de Engaddi.

SALOMÃO

Como és bela, minha amante !
Terá a pomba esse olhar ;
Outro não há semelhante !

A SULAMITE

E quem mais belo e galante,
Mais formoso, meus amores,
E mais de se cubiçar?

SALOMÃO

Vês? o nosso leito é êste,
Armado todo de flores:
E olha, o tecto é de cipreste,
Portas de cedro também;
Aqui não entra ninguém.

A SULAMITE

Sou a rosa do Sarão,
A açucena do vale.

SALOMÃO

Amada do coração,
Entre as mais és tal e qual
Uma açucena entre espinhos!

A SULAMITE

E entre os mais o meu amado
A que ha de ser comparado ?
Vês tu no bosque a maceira ?
És assim dessa maneira !
Por lograr os teus carinhos
E boa sombra há já muito
Que eu andava a suspirar :
Com efeito sombra e fruto
Nada deixa a desejar.

Ele deu-me do melhor
Que tinha na sua adega,
Mostrando-me assim primeiro
Como faz quem tem amor.

Trazei-me flores de cheiro,
Que estou como tonta e cega . . .
Algum pomo, que esmoreço . . .
Já um braço me êle passa
Pelos ombros e me abraça
Pela cinta . . . desfaleço . . .
Ah ! desfaleço de amor !

SALOMÃO

Pela corça e o veado,
Moças de Jerusalem,
Não na acordeis, cuidado!
Deixai dormir o meu bem
Um sôno bem sossegado.

II

A ENTREVISTA

A SULAMITE

Quem é que eu oiço bradando?
Oiço uma voz, e por força
Que é a voz dêle esta voz:
Ah! lá vem além saltando
Montes e vales, nem corça
Nem veado é mais veloz.

Ei-lo detrás da parede
Além já da outra banda;
E o que êle faz, como êle anda

A ver no valado todo
E na cancela se ha modo
De me pôr ôlho : ora vêde.

SALOMÃO

Oh minha amada ! depressa
Vem ver o campo, anda, vem ;
Metida em casa, meu bem,
Que demora tua é essa ?

Foi o inverno passando
Até que a chuva acabou :
Veio a herva rebentando,
Revestiu a terra toda.
Chegou o tempo da póda,
Ouviu-se a rôla rolando,
O figo já vem inchando
E a vinha está já em flor :
Pelo que estás esperando ?
Quando hás de tu, meu amor,
Andar então passeando ?
Ouve lá, que estamos sós,
E aqui não ha quem nos ouça :

Vês esta fresta ? é um gôsto
Até pela pedra ensôssa
Ver assomar o teu rosto,
Ouvir essa linda voz !

A SULAMITE

Toda em flor, como está bela !
Mas lá o ter flor que monta ?
Se as boas das rapozinhas
A tomam à sua conta,
Depois a uva que é dela ?
Bons laços lhes heis de armar,
Que elas dão cabo das vinhas
Se ninguem as apanhar.

Tu és meu, e eu também
Sou tua, de mais ninguém :
Nós somos como um casal
De corcinhas com efeito ;
Andamos sempre a ver qual
Guarda ao outro mais respeito
E lhe ha de ser mais leal.
Logo ali de manhãzinha,

Ou pela fresca, à tardinha,
Quando a corça e o veado
Volta aos vales de Bether.
Cá ficas sendo esperado!
Não te esqueça, haja cuidado,
Vê lá o que hás de fazer!

III

SONHO

A SULAMITE

Não sei bem que sonho tive
Esta noite, que acordei
Sobressaltada, e que estive
Ainda apalpando a cama
À busca de quem me ama
E a quem amo; não achei:
Levantei-me, rodeei
A cidade toda em roda,
Corri a cidade toda,
Busquei tudo, não achei.
Na rua pregunto à ronda:

— O meu amante que é dêle?
Não ha ninguém que responda.
Vou andando; a poucos passos
Vi vir um vulto: é aquêle!
Chega e digo-lhe depois
De o apertar nos meus braços:
— Quem se ama como nós dois,
Só em mudando de estado
É que vive descansado.
Anda daí, vamos pois
Ao quarto mesmo onde dorme
Minha mãi que me gerou
(Que eu tua ainda não sou,
Nem tu és meu, meu amigo!)
A pedir a nossos pais
A sua bênção, conforme
Costumam fazer os mais
E é já um costume antigo.

SALOMÃO

Pela corça e o veado,
Moças de Jerusalem!
Não na acordeis, cuidado,

Deixai dormir o meu bem
Um sôno bem sossegado.

IV

NOIVADO

CÔRO

Oh ! que mulher tão perfeita
A que vem além andando !
Vem espalhando um perfume
E é tão airosa a andar !
Parece quando se deita
Incenso e mirra no lume,
Que se vai desenrolando
Aquela nuvem no ar.

SEGUNDO CÔRO

Realmente é de invejar ;
Mas haja alguém que se afoite . . .
Sessenta homens armados,
Dos mais desembaraçados

Manda Salomão ficar
De vigia toda a noite.

CÔRO

É tudo à satisfação
E gôsto de Salomão.
O andor onde êle sai,
De tudo de que é composto,
Cedro do Líbano, olhai,
É a coisa mais barata:
Pernas e braços de prata,
De oiro o mais fino o encôsto,
Onde pôi os pés, veludo:
Não falando em diamantes
E pedras as mais brilhantes,
Que lá isso excede a tudo.

SEGUNDO CÔRO

Além vem já Salomão,
Lá vem êle já coroado
Com a coroa do noivado,
Que a mãi lhe pôs na cabeça
Pela sua própria mão.

Hoje é o dia falado :
Moços, moças de Sião !
Assomai-vos já depressa.

SALOMÃO

Que enlêvo, que formosura !
A pomba não tem de certo
No olhar tanta doçura :
E fóra o que anda encoberto !

O cabelo em quantidade
E tamanho é singular ;
E não me lembra senão
Das cabras de Galaad
Que lhes rola pelo chão
Em elas indo a andar !

Os dentes, em tu abrindo
A tua bôca, que lindo !
Nem um rebanho de ovelhas
Todas brancas e parelhas
Quando, em sendo tosquiadas,
Vêem saíndo do banho

De uma em uma enfileiradas,
E atrás delas cada uma
Seus dois gémeos de um tamanho.
Sem ser maninha nenhuma.

Pois a bôca é comparada
A uma fita encarnada.
A voz, ouvi-la é um gôsto :
Parte a romã pelo meio,
Verás as rosas do rosto ;
E fóra no que eu receio
Falar, que me não é dado.

O pescoço, pensa a gente
Em no vendo de colares,
Que é a torre exactamente
De David nesses ares,
De baluartes, e toda
Lá cima escudos à roda !

Os peitos é um casal
De corcinhas, que o seu pasto
São açucenas do vale :
Nada mais tímido e casto !

E deitam um cheiro à goma
Da mirra mais do incenso,
A ponto que às vezes penso
Que eles são duas colinas
Por onde aquelas resinas
Espalham aquêle aroma!

És formosa sem senão,
Amada do coração!
E que fazias tu lá
Pelo Líbano, pombinha?
Deixa o Líbano, anda cá!
Vais ser coroada rainha
No mais alto de Amaná
Ou de Hernon ou de Senir,
Onde há leões e onde há
Leopardos... Deves vir!

Trespassou-me o coração
O teu olhar; o cabelo
Prendeu-me como um grilhão!
O teu peito basta vê-lo,
Para embebedar de amor;
E só o cheiro que exala

O teu corpo, não ha flor,
Não ha rosa, não ha cravo
Capaz de cheirar melhor !

A tua bôca é um favo
De doçura quando fala !
A tua língua, uma sôpa
De leite e mel ! essa roupa
Cheira a incenso, regala !
Não ha nada comparado :
Água mais pura e suave
De fonte fechada à chave,
Não é mais suave e pura !
Esse rosto, essa figura . . .
E só o bem que tu cheiras !
Não me parece senão
Um jardim todo plantado
De romeiras e maceiras,
Cânfora, nardo, assim como
Açafrão, cana de cheiro,
Aloes, mirra e cinamomo :
O que há no Líbano emfim ;
Não ha fruta nem aroma
Que se aí não cheire e coma !

És a fonte de um jardim
Toda pureza e frescura ;
Tôrno de agua que rebenta
Inda mais viva e mais pura
Lá no Líbano, e ninguém
Lhe tem mão nem agüenta
A fôrça com que ela vem !

Fizesse já sul e norte
No meu jardim de tal sorte
Que alegrêtes e pomares
Andasse tudo nos ares !

A SULAMITE

É natural que tu comas
Da fruta do teu jardim.

SALOMÃO

E que dúvida que sim ?
Vamos primeiro aos aromas :
O mel em favo depois
E mais o vinho e o leite.

Hoje é dia de banquete,
Amigos do coração!
É comer-lhe por quem sois
E beber-lhe até mais não.

V

SURPRÊSA

A SULAMITE

Estava a dormir... que importa?
Velava o meu coração.
Oiço o meu amado à porta:
— Ah! formosa sem senão,
Minha pomba, minha amada!
Trago a cabeça molhada,
E os anéis do meu cabelo
Todos escorrendo orvalho,
Estou mais frio que um gêlo! —

— Dá-me isto agora um trabalho...
Despi-me, lavei os pés,
Estou na cama deitada,

E é uma pena, bem vês,
Vestir-me agora outra vez,
Andar inda levantada! —

Vai êle empurra o postigo,
E eu assusto-me de modo
Que na verdade vos digo,
Tremia-me o corpo todo!

Salto da cama exalando
Um cheiro delicioso:
Eu tinha-me estado untando
Com um óleo precioso
E ainda as mãos me iam pingando:
Abro a porta, eis senão quando
Êle foge de repente!

Eu só de lhe ouvir a fala
Fui às nuvens de contente.
E em paga de tudo, abala;
Bradei-lhe, não me acudiu,
Vou por essas ruas fora
À busca dêle... até'gora!
Parece que o chão se abriu!

Encontro a ronda, espancou-me;
Um dos guardas à entrada
Da cidade, êsse roubou-me
A capa em que ia embrulhada.

Peço-vos isto por bem,
Moças de Jerusalém!
Contai tudo ao meu amado,
Que êle é por amor de quem
Estou neste triste estado!

CÔRO

O teu amado... responde,
Formosura sem igual!
Há tantos onde escolher
Que é necessário um sinal:
Qual é o sinal por onde
Havemos de o conhecer?

A SULAMITE

Eu vos digo: o meu amado,
Daquelas côres no mundo,
Estou que não há segundo;

É muito branco e corado.
A cabeça é um tesoiro
Do que há de mais principal;
Que a sabedoria vale
Mais do que a prata e o oiro.
De negro que é o cabelo,
Ver um corvo é mesmo vê-lo!

Os olhos, aquele olhar,
Há neles uma doçura,
Que não sei a que os compare:
Só sendo a um casalinho
De pombas que estão no ninho,
Todas pureza e candura!

As suas faces rosadas,
Rescendem como um canteiro
Daquelas plantas de cheiro
De que fazem as pomadas.

A bôca, digo a verdade,
Que a açucena mais pura
Cheia da mirra melhor

Não apresenta a doçura,
Pureza e suavidade
Das falas do meu amor!

Aqueles dedos, vereis,
São uns canudos de anéis!
O ventre dêle é assim
Como um cofre de marfim!
As pernas, de musculosas,
São colunas majestosas
E de mármore inteiriço
Em bases de oiro maciço!
É o Líbano em altura!
É como um cedro na mata
A sua bela figura!
É tão suave, tão pura
A sua voz, que arrebata!

Todo êle é singular
E todo de cubiçar!
Ei-lo aqui retratado,
Moças de Jerusalém!
E não só o meu amado;
O meu amante também.

CÔRO

Ah! rainha das mulheres!
Se sabes para que banda
Êle iria o teu amigo,
Anda daí, vamos, anda:
Nós imos todas contigo
À busca dêle, se queres.

A SULAMITE

Êle parece-me a mim
Que há-de andar no seu jardim
A apanhar açucenas,
Que é do que êle gosta apenas

SALOMÃO

Oh! que formosa, meu bem!
Não há cidade afamada,
Nem Tersa ou Jerusalém,
Mais bela que a minha amada.

Metes mais respeito andando,
Que um exército avançando.

Os olhos faiscam fogo!
Tira de mim essa vista,
Que ao depois fugi eu logo
Porque não há quem resista!

O cabelo em quantidade
E tamanho é singular!
E não me lembra senão
Das cabras de Galaad,
Que o arrastam pelo chão,
Em elas indo a andar.

Os dentes, em tu abrindo
A tua bôca, que lindo!
Nem um rebanho de ovelhas,
Todas brancas e parelhas,
Ao vir saindo do banho
De uma em uma, e cada uma
Seus dois gémios de um tamanho,
Sem ser maninha nenhuma.

As faces não há de certo
Assim casca de romã

De côr tão linda e tão sã :
E fora o que anda encoberto !

És tão formosa, vê lá,
Que as rainhas são sessenta,
As concubinas oitenta !
Donzelas quem é que as dá
Todas contadas ? ninguém.
Pois e de quantas possuo,
A minha pomba, o meu bem,
A minha mimosa és tu !
E o mesmo dizia já
Lá em casa tua mãe,
Com tantas filhas que tem.

Quando chegaste, as donzelas,
Concubinas e em suma
As rainhas, todas elas
Sem excepção de nenhuma,
Gritaram todas à uma :
— Viva a rainha das belas !

VI

PASSEIO

CÔRO

Que bela mulher aquela !
Nem a aurora lhe ganha.
A lua não é tão bela
Nem a luz do sol tamanha ;
Mete mais vista só ela
Que um exército em campanha !

A SULAMITE

Nunca tive um susto igual !
Ia à horta das nogueiras,
Ia passear ao vale,
Ver se tinha flor a vinha
E já romãs as romeiras ;
Mas a multidão que vinha
Atrás de mim era tal
Que não vi nada, e tão cedo
Apanho tamanho mêdo !

CÔRO

Oh! não fujas, anda cá,
Sulamite! deixa ver
Beleza como não há
No mundo nem pode haver.

SALOMÃO

Arrebata na verdade,
Mas como um canto de guerra,
Porque ao mesmo tempo aterra
Êste ar e majestade!

O teu andar, que nobreza!
E tem o pé uma graça
Assim calçado, princesa!

Os joelhos, que perfeitos!
Não ha ourives que faça
Eixos de oiro mais bem feitos.

Umbigo, qual é a taça,
Destas taças pequeninas
Por onde a gente costuma

Beber as bebidas finas,
Tão redondinha? Nenhuma.

E o ventre de tal modo
Casto e fecundo, que apenas
Um monte de trigo todo
Rodeado de açucenas
Me parece haver no mundo
Assim tão casto e fecundo.

O teu seio é um casal
De corcinhas, que o seu pasto
São açucenas do vale:
Nada mais tímido e casto!

Lembra-me o pescoço a mim,
Uma tôrre de marfim;
E os olhos, êsses então
Os dois lagos de Hesebão!

Vês a tôrre que aparece
Lá no Líbano e que diz
Para Damasco? parece
Mais airoso o teu nariz.

A cabeça vê-la toda
Por cima das mais é belo,
Como a serra do Carmelo
Toda colinas á roda.

O cabelo é tal e qual
Um grande manto real!
É tudo uma perfeição,
Amada do coração!

Ver-te é ver uma parreira
Armada numa palmeira;
E lá em cima os teus peitos,
No tamanho e no feitio,
Dois cachos de uvas perfeitos
Que a parreira produziu.
E eu disse desta maneira:
Dois cachos de uvas tão belos
Hei-de ir lá cima colhê-los;
Que bem se vê que a doçura
Corresponde á formosura;
E que a tua bôca é pura
E a respiração é sã

Como o cheiro da maçã
Quando se apanha madura !

A SULAMITE

Como é suave e me encanta
O que me estás a dizer !
A voz da tua garganta
Embebeda como o vinho,
Dêsse que a doçura é tanta
Que se costuma beber,
Aos sorvos, devagarinho !

És só meu e eu também
Sou tua, de mais ninguém !
Anda com a tua amada
Morar para o campo, amor !
Iremos de madrugada,
Logo ao romper da manhã
Em se a gente levantando,
Ver se a vinha já tem flor,
Se está em flor a romã
E se o fruto vai vingando.
Ali é que eu hei-de então
Abrir-te o meu coração !

Estamos na primavera,
A mandrágora já cheira,
E em minha casa, estar lá,
É como estar numa horta :
Mesmo ao pé da nossa porta
Temos quanta fruta há !
E o teu quinhão, meu amado,
Assim do ano passado
Como da que vem agora,
Êsse está sempre guardado.

Ouvisse-te eu nesta hora
Chamar mãe à minha mãe,
Como se tu com efeito
Fôsses criado ao seu peito
Assim como eu fui também :
Então já eu te beijava
Às claras e te abraçava
Sem vergonha de ninguém.

Vamos aonde ela dorme,
A pedir a nossos pais
A sua benção, conforme
Costumam fazer os mais,

E depois, seja o que fôr
É só mandar, meu amor!

Verás como te hei-de dar
De um vinho delicioso
E de um licor precioso
De romã, que hás-de gostar.

. . . . . .

Um braço já me êle passa
Pelos hombros... e me abraça
Pela cinta... o meu amado!

SALOMÃO

Deixai-a dormir, cuidado,
Moças de Jerusalém!
Deixai dormir o meu bem
Um sono bem sossegado.

. . . . . .

IN MEMORIAM

IN MEMORIAM

João de Deus nasceu aos 8 de Março de 1830, em S. Bartolomeu de Messines, na província do Algarve.

Saído aos 19 anos da sua aldeia natal, matriculou-se na faculdade de Direito da Universidade, em 1849. Foi em Coimbra que ele revelou o seu genio poético, começando aí, de 1854 em diante, a urdir-se à volta do poeta admiravel, do tocador de viola e do desenhista, aquela lenda de boémia descuidosa e de sonho contemplativo que o tornou, por assim dizer, uma figura do Romanceiro nacional. Terminada a sua formatura em 1859 – os «dez anos da guerra de Troia», como êle dizia – João de Deus deixou Coimbra anos depois e recolheu-se à sua província, donde partiu em 1868 para, num incidente breve da sua vida, representar Silves como deputado – silenciosamente – e desdenhando quaisquer benesses que da política lhe poderiam advir.

Produz-se então, em 1870, um facto capital que coloca o génio do poeta a par do génio do educador e do pedagogista: – João de Deus principia a trabalhar na sua

Cartilha Maternal. Obra de poeta, obra de Amor ainda, a *Cartilha Maternal*, publicada em 1876, abriu na vida de João de Deus o periodo de combate, em que o polemista defendeu contra os ataques da rotina alarmada e do interesse ferido o seu método de leitura. Este, recebido desde logo com gratidão fervente pelas mães e pelos educadores sinceros, recebeu a definitiva consagração nos lares de pedagogia nacional moderna, que são os Jardins-Escolas – creados pela intuição herdada e pela devoção carinhosa do filho do poeta, seu homónimo.

Em 8 de Março de 1895, Portugal curvou-se ante João de Deus, na apoteose promovida pela mocidade das escolas, e nesse momento de unidade nacional vibrou toda a alma portuguêsa, desde as classes operárias até aos poderes do Estado.

Aos 11 de Janeiro de 1896, João de Deus entrou na imortalidade.

IN MEMORIAM

... Herdeiro do melhor ouro de Bernardim Ribeiro e Camões.

João de Deus não tem escola. É ele...

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Nas literaturas modernas da Europa, João de Deus é o poeta que tem a compreensão mais clara do lirismo; como português é o poeta que deu ao sentimento uma expressão apaixonada e espontânea que se torna uma característica do génio nacional.

THEOPHILO BRAGA

João de Deus restituiu-nos o *Soneto* como ele é, como deve ser: — a fórma superior do lirismo —. Sem este laço através dos tempos, quem poderia achar aquela fórma, para no-la restituir em toda a sua pureza?

De Camões até hoje é grande o salto: só alma gémea da do amante de Natércia poderia assim transpor o abismo de três séculos.

ANTHERO DE QUENTAL

A alma poética do Povo português encarnou em João de Deus. E por esta encarnação, que o tornou um poeta ingênuo e profundo, infantil e sublime, se explica a sua

vida e a sua lenda; a sua fluida e singela maneira de improvizar de rapsodo errante; os temas eternos e simples sobre que incessantemente se exerce o seu poder de idealização; a graça da sua melancolia e a suavidade da sua ironia; a viçosa duração dos seus versos sobrevivendo a todas as evoluções da arte e do gosto que tanto verso atiram cada ano para o lixo das Literaturas; a luminosa facilidade com que cativa os espíritos mais primitivos, e ainda os mais saturados de cultura crítica...

Eça de Queiroz

Se não parecesse ridículo, eu chamaria *Fausto* àquele dos nossos poetas cuja alma vibra a um tempo com a aragem das correntes místicas e com a efusão das emoções naturais, instinto metafísico e temperamento sensível como, desde Camões, Portugal não tornou a ver. Esse poeta é João de Deus.

Oliveira Martins

Eu quisera reunir em volume, para meu uso, os mais belos cânticos do poeta. Eliminar as suas traduções, obra de sua natureza secundária, e eliminar d'entre os seus versos de paixão as sensualidades comuns... O resto,

um livro único, *Campo de Flores*? Já não. Campo de estrêlas. Jardim sideral. Lírios de luz inocente, a que mil milhões de anos não roubarão uma pétala.

GUERRA JUNQUEIRO

O estilo de João de Deus é principalmente Petrarchiano, ou melhor ainda – é o estilo de João de Deus. Tem as soronidades luminosas do génio.

GOMES LEAL

... alma genesíaca e popular, suave e meiga, cantora da formosura, do amor, da juventude, das flores, do céu, das lágrimas, de Deus, e acariciadora da infância.

TEIXEIRA DE QUEIROZ

A poesia de João de Deus foi um abrupto, inconsciente protesto da simples natureza, eterna e cândida.

J. PEREIRA DE SAMPAIO (BRUNO)

— Como poetas de génio, os rouxinoes não podiam morar senão em aguas furtadas.

E toda a noite ele cantava nos pincaros da árvore

gigantesca! Como o ouvia da janela, embevecido, quis-me parecer, francamente, que o velhaco roubava pedaços ás *Flores do Campo*, do João.

FIALHO D'ALMEIDA

Os seus versos são o mais puro manancial de doçura, a mais penetrante e exquisita subjectivação do amor que se conhece...

M. TEIXEIRA GOMES

João de Deus é o maior dos poetas portugueses dêste século. Outros subiram mais alto, mas depressa desceram da altura que atingiram: João de Deus não os acompanhará no regresso.

EUGENIO DE CASTRO

Em João de Deus admiro um belo exemplar de humanidade e uma poderosa individualidade poética... Celebrou a Mulher como ninguém, banhou a sua poesia nas duas fontes essenciais do rejuvenescimento moral...

MONIZ BARRETO

Grande e delicioso poeta.

ANTONIO NOBRE

INDICE

A João de Deus, Filho... 7

O LIVRO DE AMOR IDÍLICO

Pag.

Amor 11
Carta 13
Enlêvo 19
Á tua busca, Amor... 23
Adoração 25
A uns olhos... 29
Olhar 31
Espera! 33
Sêde de amor 35
Deixa! 41
Beatriz. 43
O seu nome 47
Amor 53
Os olhos falam. 57
Luz do céu 59
Meu casto lírio 61
Aroma e ave 65
Duas rosas. 67

INDICE

	Fag.
Saudade.	71
Amo-te.	77
Deliciosa Cruz.	79
Descalça.	83
Lágrima celeste.	85
Inocencia	89
Turibulo	93
Anjo... ou mulher!..	97
Sol do meu dia.	99
Noite de amores	101
Sempre..	103
Beijo na face..	105
Perdão!	109
Dúvida..	111
Duas quadras..	115
Paixão..	117
Ciume..	119
Mal sabes	123
Escreve!.	125
A um retrato..	131
Sol intimo	133

O LIVRO DE AMOR ELEGÍACO

Alma perdida..	137
Folha caida...	141
Melancolia...	143
Lembras-me..	147

INDICE

	Pag.
Heresta.	149
Fragmento	157
Margarida	159
Encanto	163
Desdém.	167
Malmequer	169
Adeus	171
Marina.	175
A vida.	185
Raquel.	197
Ultimo adeus	201
Ego dormio, et cor meum vigilat	205
Agora !	207
Estrêla.	209
Botões de rosa.	211
Anseio.	213
A minha mãe	215
De Antero de Quental.	216
Resposta	217
Na campa de Antero.	219

O LIVRO DE AMOR MÍSTICO

Amor mistico.	223
Deus ?	227
Lamento	229
Margarida	231

INDICE

	Pag
Luz da fé	233
No leito nupcial	239
Loas à Senhora do Cabo...	243
Ultimo adeus..	255
Pátria .'	257

O CÂNTICO DOS CÂNTICOS NO LIVRO DE AMOR

I Chegada...	261
II A entrevista	269
III Sonho	272
IV Noivado...	274
V Surprêsa...	281
VI Passeio...	289
In Memoriam	299

ERRATA

Pag. 73, na 2.ª quadra, leia-se:
E quem um dia

Pag. 126, na 3.ª quadra, leia-se:
Como de o ver se turva

Pag. 139, no 1.º verso, leia-se:
Ainda se quem sempre espera

Pag. 163, no 3.º verso, leia-se:
Parece que me sustinha

Pag. 252, no 12.º verso, leia-se:
De incomportavel dor

Acabou-se de imprimir
este livro em o mes
de abril de 1921, na
tipografia Libanio da
Silva, em Lisboa

PQ
9261
D5L5
1921

Deus, Joao de
O livro de amor

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY